

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE

ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA EM JOÃO PESSOA – PB

YARLLA DELMONDES ROSA

ORIENTADORA WYLNNA CARLOS VIDAL DE LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

YARLLA DELMONDES ROSA

PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE

ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA EM JOÃO PESSOA – PB

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, elaborado sob orientação da professora WylInna Carlos Vidal de Lima.

JOÃO PESSOA, DEZEMBRO DE 2020

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R789p Rosa, Yarlla Delmondes.

PRAÇA DO SOL: Entre a Praia e a Urbe. Anteprojeto de
Requalificação Urbana em João Pessoa, PB. / Yarlla
Delmondes Rosa. - João Pessoa, 2021.

85 f. : il.

Orientação: Wylinna Carlos Vidal de Lima.

TCC (Graduação) - UFPB/de Tecnologia.

1. praça, praia, balneário, paisagem natural. I. Lima,
Wylinna Carlos Vidal de. II. Título.

UFPB/BSCT

CDU 72

YARLLA DELMONDES ROSA

PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE

ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA EM JOÃO PESSOA – PB

BANCA EXAMINADORA:

PROFA. DRA. WYLNNA CARLOS VIDAL DE LIMA
(ORIENTADORA)

PROFA. DRA. ANA GOMES NEGRÃO
(EXAMINADORA)

PROF. ME. ANDREI DE FERRER E ARRUDA CAVALCANTI
(EXAMINADOR)

JOÃO PESSOA, DEZEMBRO DE 2020

AGRADECIMENTO

Em especial, a minha orientadora Wylinna, pela gentileza e esforço em me estender seu valioso auxílio e incentivo, em momento tão conturbado para ela. Por seu discurso sempre calmo e cheio de motivação, por sua clareza em entender e traduzir minhas próprias intenções e pelo direcionamento sempre preciso, muito obrigada.

À minha família, por toda paciência, cobrança e incentivo, por manterem o ambiente vivo e alegre a minha volta, por partilharem o nascer do sol enquanto me acompanhavam nas visitas in loco e por me alimentarem quando se quer lembrava que é uma necessidade básica. Ao meu pai, silêncio pacífico, companheiro de levantamentos, que com sua sensibilidade e silêncio sempre me trouxe a paz necessária para produzir; por fazer os membros da família respeitarem meu afastamento nos momentos de necessidade. À minha mãe, tempestade e fortaleza, que me conduziu pela mão quando eu me julgava incapaz ou vencida; por evitar que o resto da família me solicitasse quando eu precisava de concentração e dedicação. À minha irmã, *personal* incentivadora, que cobrava e vigiava meu avanço enquanto trazia um lanche e uma rápida conversa leve para desopilar a tensão do foco intenso. E ao meu irmão, tranquilidade e respeito, parceiro que me acompanhou e me esperou no meu primeiro dia na universidade, enquanto recém

chegados à cidade, não conhecia o campus, as rotas de deslocamento e as linhas de ônibus; que sempre respeitou minhas dificuldades e me apoiou em minhas necessidades para conciliar os estudos e o trabalho. Meu muitíssimo obrigada pelo esforço de todos em nos manter como um sólida e diversa unidade. Eu os amo muito.

À colega de curso e amiga Priscilla Praxedes, pela constante preocupação e igual oração. Por sua condução e auxílio em construir um tema e desenvolver uma narrativa para meu TCC. Enfim, por todo apoio, companhia e parceria durante todas as batalhas perdidas e vencidas. Também à colega e amiga Suzana Farias. Por termos juntas, as três, percorrido todo esse processo de formação em constante apoio mútuo, e quando permitido, em recorrente parceria nos trabalhos acadêmicos e necessidades da vida.

Aos colegas de curso e profissão e admirados amigos “Arquitetos tops das galáxias”, pelos momentos de desabafo, incentivo e auxílio mesmo durante batalhas perdidas. Vocês são inspiração para mim, são PESSOAS muito especiais, de coração generoso e mente preocupada com o coletivo: Priscila Pâmela (PP), Valmir Borba, Walquíria Carneiro, Diogo Gomes (Chóia), Francisco de Assis (Chicão), Camila Figueiroa e a igualmente especial Priscilla Praxedes (PK).

À turma 2009.2, que possuía uma única alma, cheia de alegria em tempos comuns, de parceria e cumplicidade em tempos de dificuldade, de desespero em tempos de entrega e de união nos momentos de pedir adiamento. À turma com espírito de amizade.

Aos professores, que me ensinaram mais do que descrevia a ementa de suas disciplinas. Cada um, com sua maneira de ver e se relacionar com o mundo e as pessoas a sua volta, me ensinaram com suas paixões, indagações, preocupações e esperanças, que cada ideia e visão, pode reger um caminho diferente, mas que nessa caminhada, a alegria ou o pesar são uma escolha pessoal.

E principalmente a Deus, meu maior professor e sustentáculo durante esse longo e árduo processo de formação. É por Sua graça que encerro essa fase acumulando ganhos e aprendizados, mesmo durante as aparentes derrotas.

RESUMO

Estudiosos da área do turismo acreditam que a atividade balneária tenha sido a propulsora do turismo na história, principalmente do turismo de massa. Fato é que hoje o turismo balneário marinho é grande indutor de viagens em todo mundo. João Pessoa tem no turismo uma importante atividade econômica e a orla paraibana é protagonista na preferência dos turistas nessa cidade, que tem como anfitrião seus espaços públicos, como os parques e principalmente sua orla urbanizada. Os moradores dessa cidade também desfrutam de seus espaços públicos e aí se incluem algumas praças com tratamento urbanístico. Por ser uma cidade muito antiga, João Pessoa

possui importantes praças históricas, mas em toda cidade, só há uma praça urbana litorânea, a Praça do Sol. Sua localização guarda importância urbana, social, ambiental e turística, mas tudo isso em conflito. Pois, ela vem sofrendo danos em sua integridade física e funcional. Nesse contexto, esse trabalho se debruça em compreender a dinâmica morfológica e ocupacional do bairro que a abriga e as condições de apropriação da praça e entorno, para no fim propor um projeto de requalificação urbana a esse espaço livre público.

Palavras Chave: praça, praia, balneário, paisagem natural.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8		
1.1 APRESENTAÇÃO do tema	8		
1.2 Delimitação do problema	9		
1.3 Justificativa	13		
1.4 Objeto	14		
1.5 Objetivos	14		
1.6 Etapas de trabalho	14		
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19		
2.1 Paisagem: Composição Geológica	19		
2.2 Função: do Espaço Livre Público à Praça	22		
2.3 Importância: Uso Balneário	27		
3 RECONHECIMENTO DO LUGAR	30		
3.1 Apresentação do bairro	30		
3.1.1 Análise Morfológica	30		
3.1.2 O Bairro na cidade	46		
3.2 Apresentação da praça	50		
3.2.1 Dinâmica de ocupação e entorno	52		
3.2.2 Aspectos positivos e negativos	57		
3.2.3 Potencialidades	59		
4 DIRECIONAMENTO PRÉ PROJETUAL	60		
4.1 Condicionantes	60		
4.2 Programa de necessidades	61		
4.3 Diretrizes de intervenção	61		
4.4 Análise de projetos correlatos	62		
5 PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO SOL	65		
5.1 Setorização do Terreno	65		
5.2 Estudo Volumétrico	66		
5.3 Apresentação Da Proposta	67		
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77		
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78		

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O turismo é uma importante atividade econômica mundial. O Brasil apresenta condições que possibilitam inúmeras opções para o turismo, por suas belezas naturais, diversidade cultural, gastronômica, climática e de ecossistemas. Em se tratando de lazer, repouso, atividades esportivas e culturais, o litoral brasileiro, que ocupa quase 1/3 da costa atlântica da América do Sul, oferece diversas opções de destinos turísticos, além de permitir acesso democrático. A costa do Nordeste brasileiro, se destaca pelo clima quente que possibilita atividades de lazer ao ar livre durante todo o ano.

“O Nordeste tem nos espaços litorâneos, tanto na porção leste quanto ao norte, seus principais atributos turísticos e de lazer. No mercado turístico, a beleza da paisagem litorânea, associada a temperatura das águas, aos índices de insolação, à culinária regional, às manifestações culturais e ao espírito hospitaleiro e festivo do povo nordestino conjugam-se positivamente, constituindo-se

um forte atrativo para o turismo. Em decorrência, o Nordeste se coloca como um dos principais destinos turísticos do Brasil, atraindo turistas de outras regiões do país e do exterior” (ROCHA et al, 2011, p. 230).

O estado da Paraíba possui cerca de 140 km de praia, sua capital – João Pessoa – se localiza na posição centro-sul deste litoral, de onde é possível partir para visitar todas as outras praias do estado e voltar no mesmo dia. Rocha (et al, 2011) nomeou de “Costa das Piscinas” o conjunto de atrativos turísticos que abrange 12 municípios costeiros que exemplificam, o que chamou de “beleza exuberante” do litoral paraibano, composto por “praias desertas e urbanas e ricos ecossistemas costeiros(estuários de rios, mangues, dunas e falésias¹), ilhas com piscinas de corais (...), praia de naturismo; área de preservação ambiental (...) e o último reduto indígena remanescente da Tribo Potiguara no estado”.

Uma peculiaridade das belezas naturais da costa paraibana é a grande presença de recifes espalhados ao longo e bem próximos de sua costa, propiciando praias de águas calmas e transparentes; além da grande presença de falésias ao longo de algumas praias, lhes

¹ Falésia é o acantinado de faces abruptas formado pela ação erosiva (abrasão) das ondas sobre as rochas. Quando a falésia se encontra em processo de erosão contínua, pode-se falar em falésia marinha ativa (viva),

enquanto que quando cessa a erosão, tem-se a falésia marinha inativa (morta). (SUGUIO, 1998, p.331, apud MELO)

conferindo estreitos terraços marinhos, o que as deixa mais passíveis à ação de movimentação das marés. João Pessoa reúne muitas dessas “belezas exuberantes”, como belas e banháveis praias urbanas, estuários de rios, mangues, falésias, áreas de preservação ambiental e piscinas naturais de recifes de corais.

Outro grande destaque turístico da cidade de João Pessoa, se deve ao fato de estar localizada no ponto mais oriental do Continente Américo, cujo grande marco turístico é o Farol Cabo Branco, localizado no centro-sul da costa pessoense, no bairro Cabo Branco e topo de uma falésia ativa (viva) que vem sofrendo degradação natural de seu terreno, por erosão marinha. Mas..., geograficamente, a faixa continental mais oriental de João Pessoa, fica à cerca de 800m a sudeste do Farol Cabo Branco, na praia do Seixas, bairro Ponta do Seixas, na fronteira marinha da Praça do Sol, única praça na orla de João Pessoa. Este bairro possui, dentre as “belezas exuberantes” listadas por Rocha: bela e banhável praia urbana, estuário do rio Cabelo, falésias ativas (vivas) e inativas (mortas), parque em área de preservação ambiental e piscinas naturais de recifes de corais à cerca de 1 km da praia; que atraem muitos turistas, que as visitam por catamarãs mas que, em sua maioria, partem de praias urbanas vizinhas.

Explanadas essas informações quanto a importância do turismo para economia, da paisagem para o turista e das características ímpares

encontrados no bairro e orla do Seixas, alguns questionamentos podem ser levantados:

Com tantas características peculiares e interessantes à volta do ponto mais oriental das Américas, por que o marco turístico não corresponde ao marco geográfico? Uma praça urbana deve cumprir sua função de espaço livre público de acesso democrático, seguro, confortável e que possibilite o lazer, permanência e interação da população circundante e visitante, mas sua importância poderia ultrapassar sua função primária e apoiar o potencial turístico da região a que está inserida?

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Os espaços livres públicos da cidade de João Pessoa possuem público frequente e muitas vezes constante, a exemplo das praias urbanas. João Pessoa, capital do estado da Paraíba, localizada na Região Nordeste brasileira, é a 3ª cidade mais antiga do Brasil. Fundada pela Coroa Portuguesa, estrategicamente à margem direita do rio Sanhauá, em 5 de Agosto de 1585, para fins militares de defesa das costas paraibana e pernambucana (SILVA, 2004, p.93), tem no turismo uma importante fonte de renda e muito de sua atratividade se deve a seus aspectos naturais (relevo, clima e meio ambiente), que permitem o lazer e a prática de atividade ao ar livre o ano todo. E para o lazer público, esta cidade possui parques, praias e praças.

João Pessoa dispõe de parques urbanos em áreas de preservação permanente, mas são as praias, as principais protagonistas do turismo nesta cidade. A orla desta capital é percorrida por praias desabitadas e 8 praias urbanas, todas próprias para o banho e prática de variados esportes aquáticos. Mas, apesar de não dividir protagonismo, as praças de João Pessoa são relevantes elementos urbanos e sociais, como em toda cidade. Esta antiga capital possui 180 praças classificadas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP). Algumas são importantes testemunhas de sua história, mas

apenas uma faz fronteira com o mar e o ponto mais oriental americano: a Praça do Sol, na praia do Seixas.

O bairro Ponta do Seixas abriga fenômenos e atributos naturais ímpares, que geram preocupação e admiração (figura 1). Localizado na porção centro-sul da costa pessoense, é percorrido de sul a norte por uma abrupta variação topográfica, respectivamente, hora recobertos por mata atlântica, hora sob a forma de penhascos de solos desnudos e erodidos pelas ondas do mar, onde se encontra o já citado Farol Cabo Branco. A metade oeste, acima do paredão formado, atinge altitudes de cerca de 30 metros, enquanto que a



Figura 1: Perspectiva leste do bairro Ponta do Seixas, com destaque para o paredão de falésias que corta o bairro. Fonte: Produzida pela autora, usando o aplicativo Google Earth Pro.

metade leste está muito próximo do nível do mar e é neste trecho, margeando a praia na porção mais a leste do bairro, que está a Praça do Sol.

A orla do Seixas é quase toda cercada por lotes residênciais, o acesso público à praia se dá por 3 ruas, entre os lotes, ou pela Praça do Sol, que se resume a um espaço pavimentado, onde metade de sua área está, por anos, ocupado permanentemente por bares irregularmente implantados, que servem banhistas, enquanto a outra metade, rotativamente, serve de estacionamento de veículos para os frequentadores da área.

Diante dessa realidade, desagradável sob os aspectos urbano e social, é fácil compreender porque o marco geográfico do “ponto mais oriental das Américas”, não corresponde ao marco turístico representativo (Farol Cabo Branco) (figura2).



Figura 2: Diferença de locaização entre o Farol Cabo Branco (1) e o ponto geográfico mais oriental do Continente Americano (2). Fonte: Produzida pela autora, usando o aplicativo Google Earth Pro.

Observando imagens pregressas da área, através do aplicativo *Google Earth Pro*, foi possível observar, que no primeiro registro de imagem da área pelo aplicativo, em 2005, a areia da praia na

fronteira com a Praça do Sol, era ocupada por bares e a partir de 2008, estes começaram a avançar sobre o território da praça, até que em 2013 todos já tinham deixado a areia e ocupado cerca de metade do terreno da praça. Essas imagens também revelaram que entre 2008 e 2009 a fronteira leste do terreno da praça passou a ser consumida pela erosão marinha, o que justificaria o abandono da areia da praia pelos bares (figura 3). Fato é que, a não proteção da praça contra a erosão, a ausência de tratamento urbano e equipamentos públicos sobre a praça, além da ausência de disciplinamento do uso, que culmina em permitir a ocupação privada do espaço público, ferem o direito da população à esse espaço livre público e impedem/dificultam a permeabilidade física e visual nesse local.

A Praça do Sol, localizada entre ambientes natural e construído, em frente ao extremo oriental das Américas e um conjunto de piscinas naturais de recifes, é um espaço com muito potencial; lugar de transição entre paisagens natural e urbana, portanto, lugar de conexão.



Figura 3: Vista superior da Praça do Sol – metade oeste vazia e metade leste construída. Fonte: Produzida pela autora, usando o aplicativo Google Earth Pro, extraída em nov. de 2020.



Figura 4: Vista da praça sem a movimentação dos banhistas. Fonte: Produzida pela autora.



Figura 5: Vista da praça com a movimentação dos banhistas. Fonte: Produzida pela autora.

Considerando os problemas entre uso e função e o potencial turístico deste espaço, este estudo se atem a propôr anteprojeto de requalificação urbana para a Praça do Sol. Esta proposição leva em consideração o artigo 10 da lei federal nº 7.661/1988, que diz que as praias são bens públicos de uso comum, sendo assegurado o livre acesso a elas e ao mar. Também considera as características: de vulnerabilidade do relevo a que está inserido, passível à degradação por marés; de fronteira com propriedades privadas, públicas e da Marinha do Brasil; de locação do terreno à beira e muito próximo ao mar e das piscinas naturais de recifes de corais; e de clima, sob abundância de maresia, ventilação e iluminação naturais.

1.3 JUSTIFICATIVA

O clima, cultura e natureza, fazem de João Pessoa uma cidade de muitos atrativos; a população de visitantes e a pessoense têm diversas opções públicas e gratuitas para descanso, contemplação, lazer e prática de esportes. Dentre as opções, as praias urbanas estão no topo da atratividade e frequência. As orlas dos bairros do litoral norte pessoense possuem infraestrutura urbana, de comércio e de serviço que apoiam e atraem seus frequentadores, sejam contíguas à via pública ou na própria areia das praias. O tratamento urbanístico nessas orlas garante o usufruto dos moradores e visitantes, gera economia e disciplina o uso consciente e responsável do meio ambiente. Mas toda população tem igual direito de acesso ao bem

público com conforto e segurança. Os moradores e visitantes do bairro Ponta do Seixas tem precário acesso à praia, à opções de lazer público, comércio e serviço para quem frequenta a praia e nenhum tratamento urbanístico em sua orla ou mesmo em sua única e costeira praça que detém grande potencial turístico e de integração e conexão social e ambiental. Esta, ainda tem seu caráter público usurpado pela necessidade de subsistência da população local, que privatiza e inconscientemente degrada este território, apoiados pela falta de disciplinamento e fiscalização por parte das autoridades municipais. O tratamento urbanístico da Praça do Sol é uma necessidade urbana, ecológica, econômica, turística e social, para os residentes, visitantes e toda sociedade pessoense. Esta praça necessita de ações de recuperação, proteção e reordenamento de seu espaço, que integrem as questões ambientais, econômicas e socioculturais, em busca da promoção de uma melhor qualidade de vida neste ambiente. A Praça do Sol precisa passar por uma intervenção de **Requalificação Urbana**, que promova a proteção de áreas degradadas e a introdução de atividades urbanas.

1.4 OBJETO

Requalificação da Praça do Sol no bairro Ponta do Seixas em João Pessoa –PB.

1.5 OBJETIVOS

GERAL

Elaborar anteprojeto de requalificação da Praça do Sol no bairro Ponta do Seixas da cidade de João Pessoa –PB.

ESPECÍFICOS

- Identificar as principais características físicas e de ocupação do bairro Ponta do Seixas, a fim de reconhecer as necessidades socioambientais que a praça pode atender.
- Disciplinar a apropriação e uso do espaço da praça, de modo a apoiar, a integração social entre a população local e visitante, a valorização da função de praça e de sua potencialidade turística.
- Possibilitar a acessibilidade e integração entre os ambientes natural e urbano, com segurança e conforto.

1.6 ETAPAS DE TRABALHO

A proposta de requalificação da Praça do Sol no bairro Ponta do Seixas envolve o cumprimento de 5 etapas de trabalho que percorrem a compreensão física e de formação do bairro, sua relação com a única praça que possui, além da relação da praça com seus usuários, através do levantamento e observação dos usos que lhe são dados e de sua atual infraestrutura, até chegar a proposta de

intervenção que pretende dar nova(o) qualidade/uso a este espaço livre público conceitualmente voltado à apropriação e convívio social. Estas etapas se dividem em:

1.LEITURA E PESQUISA EXPLORATÓRIAS:

Etapa inicial da construção do trabalho, que se estendeu por todas as etapas seguintes, apoiando a compreensão do espaço estudado e guiando as decisões de projeto. Nesta etapa foram explorados alguns conceitos teóricos como os de: Urbanidade, Identidade do Lugar e Praça; além de pesquisas sobre: Formas Ecológicas de Contenção de Erosão Marítima e a análise de projetos correlatos. As ferramentas de pesquisa usadas nesta fase foram, publicações de trabalhos de conclusão de curso, teses, livros e periódicos disponíveis na internet e encontrados nas bibliotecas da UFPB.

ETAPA 1	OBJETIVO	MÉTODO/ INSTRUMENTO	PRODUTO
PESQUISA EXPLORATÓRIA	Subsidiar as decisões de projeto e escrita monográfica	Internet: <i>sites</i> , artigos e revistas Livros, TCCs, teses	Apoio à análise do objeto e à aplicação das etapas posteriores

2.LEVANTAMENTO DO BAIRRO PONTA DO SEIXAS:

A segunda etapa consistiu em realizar o levantamento de todas as características físicas, fundiárias e legislativas que compõe o bairro a fim de produzir mapas temáticos que representam: o traçado viário; a ocupação de território privado em relação ao público; a projeção de espaço construído em relação ao não construído; a classificação dos usos dados aos lotes do bairro; a classificação dos gabaritos atingidos por cada lote do bairro; a localização dos desníveis topográficos e cobertura vegetal expressiva em todo território; e o zoneamento e macrozoneamento existente no bairro, atribuídos pela legislação municipal.

O levantamento das características do bairro foi realizado segundo alguns procedimentos:

Observação direta através de visita *in loco*: onde todas as ruas do bairro foram percorridas e os registros observados de cada lote e via foram anotados manualmente em mapas da área previamente impresso e posteriormente transferidos para ambiente computacional, em formato dwg, alimentando base cartográfica do bairro adquirida no site da PMJP disponível ao público. Este levantamento contribuiu para construção dos mapas de uso e ocupação e gabarito e apoiou a construção dos mapas de traçado viário, público x privado, construído x não construído e vegetação expressiva.

Uso da ferramenta (aplicativo computacional) Google Earth Pro: na extração de informações quanto a projeção das coberturas construída e cobertura vegetal em todo território da bairro. Este aplicativo disponibiliza registros do passado e as atualizações do imageamento por satélite de todo mundo realizado pela Google. Para o bairro estudado a ferramenta oferece imagens de satélite desde Dezembro de 1969 até Abril de 2020, o que deu segurança na confiabilidade da utilização das imagens usadas, aliada à confirmação da observação *in loco*. Este levantamento contribuiu para construção dos mapas de construído x não construído e vegetação expressiva, além de apoiar a atualização da base cartográfica em dwg (parcelamento dos lotes e limites das quadras).

Pesquisa sobre a legislação da área: para conhecer os usos permitidos e restrições atribuídos ao território do bairro e assim conhecer qual o possível perfil ocupacional do bairro. Este tipo de levantamento contribuiu para construção dos mapas de macrozoneamento e zoneamento (Legislação) do bairro, além de ajudar na identificação das inconformidades de ocupação dos lotes e vias públicas.

Uso do programa computacional AutoCAD: através deste programa, se reuniu todas as informações levantadas e por manipulação e edição da base e coleção levantada de dados, se produziu todos os mapas temáticos representativos necessários a compreensão do bairro e sua influência na Praça do Sol, que é o objeto deste estudo.

ETAPA 2	OBJETIVO	MÉTODO/ INSTRUMENTO	PRODUTO
LEVANTAMENTO DO BAIRRO	Compreender a dinâmica do bairro e sua influência na praça.	Observação direta (<i>in loco</i>) Ferramenta Google Earth Pro Programa AutoCAD Pesquisa da legislação local	Mapas temáticos representativos do bairro

3.LEVANTAMENTO DA PRAÇA DO SOL: USOS E INFRAESTRUTURA ENCONTRADOS

A terceira etapa de trabalho consistiu na compreensão da infraestrutura, usos e valor que a Praça do Sol tem para seus frequentadores, para os moradores do bairro e sua importância para a cidade. Nesta etapa foi feito o levantamento e registro dos pontos positivos, negativos e potencialidades atribuídos a praça, através da observação direta e pesquisa em sites privados e municipais sobre turismo local. Esta fase norteou a criação do programa de necessidades do projeto de requalificação e também foram definidos

os elementos que seriam erradicados, mantidos, melhorados ou introduzidos à praça.

ETAPA 3	OBJETIVO	MÉTODO/ INSTRUMENTO	PRODUTO
LEVANTAMENTO DA PRAÇA	Identificar potencialidades, usos e “desusos” na praça e entorno	Observação direta, registro fotográfico e pesquisa em sites turísticos	Programa de necessidades do projeto de requalificação

4. LEITURA CORRELATA DE CONTENÇÃO DE TERRENO E PROJETOS DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS URBANOS:

A quarta etapa de trabalho se voltou ao problema municipal de erosão marítima que vem ameaçando os principais pontos turísticos da costa de João Pessoa, com foco exclusivo no problema local da Praça do Sol (objeto de estudo); nela também se buscou exemplos de projetos urbanos bem sucedidos em conectar ambiente aquático com ambiente urbano. Nesta etapa se buscou uma solução de pouco impacto ambiental e que preserve a paisagem natural e as condições de uso da areia da praia ao banhista (tendo em vista que nenhuma intervenção urbana é válida se o movimento natural das marés continuarem consumindo o território da praça), mas também se

buscou a definição de partido arquitetônico que melhor se aplique à intervenção, assim como, a escolha de materiais e revestimentos.

ETAPA 4	OBJETIVO	MÉTODO/ INSTRUMENTO	PRODUTO
PESQUISA CORRELATA DE PROTEÇÃO DO SOLO E PROJETOS URBANOS SIMILARES	Escolher: método de contenção do terreno e partido arquitetônico, que atendam ao programa de necessidades e produzam pouco impacto ambiental e preservem a paisagem natural	Pesquisa de publicação documental	Seleção do método de contenção do terreno e proteção contra erosão marítima para e conjunto de soluções possíveis ao programa de necessidades para a Praça do Sol.

5.PROPOSIÇÃO DA REQUALIFICAÇÃO PARA PRAÇA DO SOL DO BAIRRO PONTA DO SEIXAS:

A etapa final de trabalho corresponde a produção do estudo preliminar de requalificação da Praça do Sol, de modo a devolvê-la ao uso social e torná-la atrativa à visitação turística.

ETAPA 5	OBJETIVO	MÉTODO/ INSTRUMENTO	PRODUTO
REQUALIFICAÇÃO	Criar projeto urbano que ofereça possibilidades de lazer e permanência na Praça do Sol	Programas AutoCAD, Sketchup e Photoshop	Anteprojeto de requalificação da Praça do Sol (mapas esquemáticos, plantas arquitetônicas e imagens ilustrativas)

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PAISAGEM: COMPOSIÇÃO GEOLÓGICA

A estrutura geológica² nordestina é formada pelos escudos cristalinos³ e as bacias sedimentares. Trata-se de estrutura muito antiga, rebaixada e sem dobramentos modernos, o que justificam as altitudes modestas que não ultrapassam 2.100m. Mas as formas do relevo⁴ são recentes, pois apesar de serem influenciados pela estrutura rochosa, também sofrem influência de agentes externos produzidos pelo clima e ação humana (ROCHA et al, 2011, p. 51-52). Jurandyr Ross (1988, apud ROCHA et al, 2011) demonstra com o mapa de relevo brasileiro (figuras 7) e o corte que se estende por cerca de 1.500 km, do Maranhão ao litoral pernambucano (figura 6) que o relevo nordestino é constituído por planaltos⁵, depressões⁶ e planícies⁷, sendo estes: Planaltos e Chapadas da Bacia do Parnaíba

²**Estrutura geológica:** “refere-se ao conjunto de rochas que dão suporte a uma determinada forma de relevo” (ROCHA et al, 2011, p. 47).

³**Escudos Cristalinos** são “estruturas rochosas muito antigas (Pré-cambriano), que já passaram por fortes processos de erosão, sendo, portanto, extremamente rebaixados ou erodidos” (MOREIRA, 1977, apud ROCHA et al, 2011)

⁴**Relevo:** “corresponde às diferentes formas ou desníveis de uma dada porção da superfície terrestre” e cobrem a estrutura geológica; é a superfície que vemos e compõem a paisagem. (ROCHA et al, 2011, p. 47)

(nº 2 na figura 7), Planalto da Borborema (nº 10 na figura 7) e Planaltos e Serras do Atlântico-Leste-Sudeste (nº 7 na figura 7); Depressão Sertaneja e do São Francisco (nº 19 na figura 7); e Planícies e Tabuleiros Costeiros ou Litorâneos (nº 28 na figura 7). Nesta última se encontra a capital paraibana que abriga a área deste estudo, que de acordo com a figura 7, se assemelha com a 6.

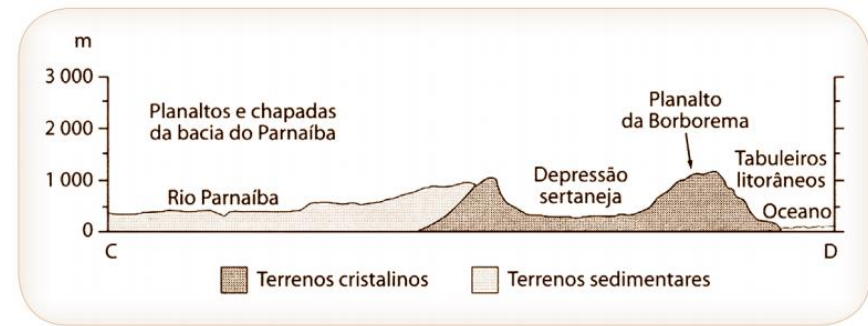


Figura 6: Corte esquemático passando pelo Nordeste brasileiro, de oeste à leste, mostrando os tipos de relevo dessa região. Fonte: Rocha et al, 2011.

⁵ **Planaltos** são áreas em cotas altimétricas superiores a 300 metros, onde processos de erosão são mais intensos que os processos de sedimentação, apresentando superfícies irregulares formadas por serras, morros e chapadas” (ROCHA et al, 2011, p. 50).

⁶ **Depressões** possuem cotas altimétricas entre 100 e 500 metros, e se caracterizam por processos erosivos, sendo áreas rebaixadas em relação ao seu entorno” (ROCHA et al, 2011, p. 50).

⁷ **Planícies** Compreendem cotas altimétricas abaixo de 100 metros, onde há predomínio dos processos de sedimentação” (ROCHA et al, 2011, p. 50).



Figura 7: Mapa de relevo do Nordeste brasileiro. Fonte: Rocha et al, 2011.

O município de João Pessoa está sobre os Baixos Planaltos Costeiros e as Planícies Fluviais e Marinhas, e a maioria de seu território é de constituição geológica denominado Formação Barreiras, que se caracteriza por ser constituída de “sedimentos arenoargilosos mal consolidados, que repousam de forma discordante (...) sobre o embasamento cristalino Pré-Cambriano e sobre os sedimentos da

Bacia Marginal Paraíba” (FURRIER et al, 2006, apud BARBOSA et al, 2016), ou seja, trata-se de uma constituição geomorfológica frágil e portanto, mais passível à ações externas humanas, do clima ou de intempéries. Os Baixos Planaltos “estão esculpidos sobre os sedimentos mal consolidados da Formação barreiras”, apresentam “topografia plana a suavemente ondulada, material sedimentar e baixa altitude”, enquanto que as Planícies são “áreas imediatamente contíguas aos corpos d’água, compostas por sedimentos mais finos (...) produzidas por depósitos deixados pelos rios e pelos mares” (BARBOSA et al, 2016).

Em alguns pontos do centro ao sul do litoral paraibano, as Planícies Marinhas se encontram, de forma abrupta, com aos Baixos Planaltos Costeiros, sob a forma de falésias mortas (inativas) ou vivas (ativas). Os paredões resultantes, hora recobertos por mata atlântica e hora desnudos, exibindo sua colorida composição sedimentar, na porção continental, junto com a presença de extensas barreiras de recifes de corais, na porção marinha, configuram a peculiaridade da paisagem natural desse litoral, com praias estreitas, limitadas por paredões naturais e águas tranquilas protegidas pelos recifes de corais.

As falésias costeiras que compõem a paisagem litorânea do desabitado litoral sul paraibano, são requisitados pontos turístico (exemplificado na figura 8). Mas a falésia que existe nas praias da capital João Pessoa, é uma importante preocupação urbana para o município e a população pessoenses.

Em pequeno trecho do centro do litoral pessoense, no encontro entre os bairros Cabo Branco e Ponta do Seixas, as Planícies Marinhas dão lugar aos Baixos Planaltos Costeiros sob a forma de falésia viva. Nesse ponto, as planícies deixam de ser interseção entre o mar e o baixo planalto e então, as ondas do mar podem tocar livre e constantemente a base da falésia, que hoje abriga dois pontos turísticos de João Pessoa: o Farol Cabo Branco e a Estação Ciência (visíveis na figura 9); é neste trecho que a erosão marinha atua fortemente hoje.



Figura 8: Falésias coloridas da praia de Coqueirinho no litoral sul da Paraíba - atração turística. Fonte: <https://www.viagensecaminhos.com/2011/10/viagem-natal-e-joao-pessoa-de-aviao-e.html>



Figura 9: Falésia ativa sob pontos turísticos de João Pessoa (Farol Cabo Branco e Estação Ciência), em trecho central do litoral pessoense, acometido por erosão marinha – problema urbano. Fonte: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/03/pmjp-entrega-projeto>

2.2 FUNÇÃO: DO ESPAÇO LIVRE PÚBLICO À PRAÇA

Desde a Antiguidade, em distintas sociedades urbanas, existiam espaços abertos, sem forma e muitas vezes sem função definidas,

reservados no interior ou imediato exterior do aglomerado urbano, onde a população se reunia para realizar as mais diversas atividades sociais. Dentre seus usos mais comuns estavam o de reunião (práticas cívicas) e comércio, como na **ágora ateniense** e no **fórum romano**. Depois, também podiam ter função religiosa, esportiva/lazer (disputas atléticas/gladiatórias), de espetáculo, política e de arte da guerra, à exemplo da **praça medieval**, **praça maior** e **praça de armas**. (DE ANGELIS, 2005)

Mas é a partir do Renascimento que esses espaços livres públicos passam a adquirir forma, localização e função definidas, se configurando mais com o conceito do que hoje chamamos de praça. A **praça renascentista** se insere definitivamente na estrutura urbana e fazendo uso da perspectiva, pórticos, fontes, colunas, obeliscos e pavimentação, “se converte em um dos principais elementos urbanísticos para transformação e embelezamento das cidades”. A **praça barroca** apresenta caráter dinâmico, que conduz a imaginação pela espetacularidade de sua arquitetura monumental, cujo fim é o de “persuadir, envolver, de criar uma nova realidade” (CERONE, 1994, apud DE ANGELIS, 2005), deixando em segundo plano sua função. Já as **praças do Classicismo Inglês** buscavam uma nova e equilibrada composição espacial, relacionando arquitetura e espaços abertos, através da introdução de paisagem vegetal no tecido urbano, numa experiência em que espaços abertos com maciça presença de vegetação foram implantados à frente de

áreas residenciais com alta densidade populacional. Esta prática representou inovação arquitetônica e “uma visão pioneira que se estende aos dias de hoje, que é a preocupação com a temática higiênico-recreativo e social dentro da trama urbana”. (DE ANGELIS, 2005)

O caminho que os espaços livres públicos no Brasil percorreram, começa nas tribos indígenas que construíam suas ocas em volta de um espaço aberto, circular e vazio onde se realizavam as reuniões, festas e ritos. Passa pelos **largos e adros das igrejas** do Brasil colônia, onde se faziam “reunião de pessoas e diversas atividades, não só religiosas como também as de recreio, mercado, políticas e militares” (MARX, 1980, apud DE ANGELIS, 2005). E chega aos **jardins** do fim do século XVIII, que surge como reação ao discurso higienista vigente e solução ao problema de adensamento urbano. Os jardins eram o lugar comum da sociedade que reunia tanto a aristocracia quanto a burguesia, considerado como local “para ver e para ser visto”. (DE ANGELIS, 2005)

Olhando pro passado pode-se perceber que, as primeiras sociedades reconheciam a necessidade de espaços livres de uso comum social, primeiro se reunindo nas sobras de espaços não edificadas e depois, reservando dentro da comunidade um espaço social e aberto, onde realizavam as mais diversas atividades sociais que geravam aglomeração e por consequência, geravam demanda para o comércio, que com o tempo tornou-se atividade principal em dias

específicos, até que passou a ocupar lugar próprio e fixo no tecido urbano. Visto a importância do espaço livre comum, sua ordenação foi consequência, sendo formalmente inserido no traçado das cidades sob o título de praça, com forma, localização e função específicas e limitadas, ganhando um caráter muito mais simbólico, social e contemplativo, pois a estrutura que apresentava (pavimentada e/ou ajardinada), era um convite ao passeio e encontro social, num tempo em que a sociedade tinha pouco acesso a opções e ao conceito de lazer.

Definitivamente hoje, as remanescentes praças brasileiras não carregam o simbolismo cívico do passado, também não são palco político, religioso ou de treinamento militar, mas guardam influência das praças renascentistas e clássicas, com maciça presença de pavimentação e/ou vegetação (jardins). No Brasil, as praças são muitas vezes um descanso térmico e visual na aglomerada e cinza paisagem edificada das grandes cidades.

Hoje, as praças ornamentadas de caráter simplesmente contemplativo já não tem a atratividade de antes, muitas se encontram abandonadas. Isso porque a definição de lazer não mais se limita à verbos passivos como percorrer, admirar e encontrar, mas a verbos que indicam mais ação, como explorar (novas paisagens), praticar (esportes) e, o muito importante, consumir.

No fim do século XX, quando a televisão já era um bem acessível, comum e grande fonte de distração, a sensação de insegurança pública já era discurso comum, quando os *shopping-centers* ocupavam todas as grandes cidades e ganhavam força ao oferecer opções de comércio, serviço, alimentação e lazer em um só lugar fechado, seguro e acessível a “todo público”, transformando as praças em lugar de passagem. Pouco mais tarde, a *internet* ofereceu caminhos para minimizar a necessidade de conexão direta entre as pessoas, além de oferecer acesso a muitas das opções de serviço e lazer encontradas nos *shopping-centers*, mas sem sair de casa. O conceito de lazer se modificou, unindo-se ao caráter de consumo; ele foi ampliado quanto a diversidade e acessibilidade, mas reduzido quanto a ocupação de espaço.

A população de João Pessoa, vive toda essa dinâmica social, mas possui muito espaço livre público bastante frequentado, como a Praça do Caju no bairro Bessa, Praça da Paz no bairro Bancários e orla das principais praias urbanas da cidade: Manaíra, Tambaú e Cabo Branco. O que esses lugares tem em comum?



Figura 10: Movimento de pessoas na praça do Caju, bairro do Bessa, em João Pessoa. Fonte: pautapb.com.br



Figura 11: Movimento de pessoas na orla da praia de Tambaú, em João Pessoa. Fonte: paraibahoje.wordpress.com.



Figura 12: Movimento de pessoas respectivamente na praça da Paz, bairro dos Bancários em João Pessoa. Fonte: clickpb.com.br.

Além do fato de que estes espaços públicos passaram por reforma, ganhando novo paisagismo (calçamentos e jardins) e infraestrutura de lazer (parques infantis, quadras esportivas e mobiliário urbano), esses lugares estão rodeados por unidades de comércio e serviço, apoiando os frequentadores uns dos outros. As pessoas que estão usufruindo do comércio e/ou serviço privado em volta de um espaço livre, pode ver ao longe o que acontece a sua volta e quem está em espaço aberto não se sente isolado ou à mercê com todos os olhos e serviços a sua volta. São os “olhos da rua” que minimizam a sensação de insegurança social. É uma necessidade humana, viver em sociedade.

Praça do Cajú no bairro Bessa



Salão e
lanchonete
em edifício
empresarial

Bar

Bar-
lanchonete;
pizzaria em
edifício
empresarial

Lanchonetes

Figura 13: Praça do Caju e seu entorno imediato, Bessa, João Pessoa. Fonte: Aplicativo Google Earth Pro, manipulado pela autora

Praça da Paz no bairro Bancários



Panificadora e
posto da
Guarda Civil

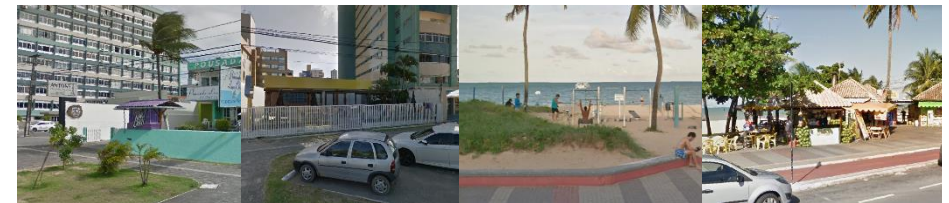
Bares e
Lanchonetes

Ed. Comercial
e Bar

UPA

Figura 14: Praça da Paz e seu entorno imediato, Bancários, João Pessoa.
Fonte: Aplicativo Google Earth Pro, manipulado pela autora

Orla urbana do bairro Cabo Branco



Salão e
pousada ao
longo da via

Lanchonetes
ao longo da
via

Equipamento
de esporte

Bares na orla

Figura 15: Orla urbana e seu entorno imediato, Cabo Branco e Tambaú, João Pessoa.
Fonte: Aplicativo Google Earth Pro, manipulado pela autora

Os espaços livres públicos que possuem público frequente em João Pessoa também oferecem diversas possibilidades de lazer e consumo, a exemplo de praças rodeadas por loja de serviço e comércio e a orla marítima urbana que possui os mesmos vizinhos, além de tratamento

urbanístico, equipamentos de esporte, mobiliário urbano, sombra e grande permeabilidade visual.

Hoje, nas grandes cidades, moramos em residências menores e mais adensadas. Com a tecnologia que dispomos e a crescente presepça de edifícios multifuncionais, é possível morar, trabalhar, consumir, interagir e ter diversão, no mesmo lugar. Nesse contexto, é possível entender que, as pessoas que vivem essa realidade buscam fora de casa o que não têm em seu cotidiano (contato com espaços abertos e pessoas, mesmo que indiretamente) mas com a comodidade a que estão habituados (lazer diversão e consumo, no mesmo lugar e com segurança e conforto).

2.3 IMPORTÂNCIA: USO BALNEÁRIO

O termo “balneário” é relativo a banho e refere-se a recinto destinado aos banhos, estabelecimento de banhos e praia de banhos.

Na história, os espaços balneários remontam à Grécia Antiga e o Antigo Império Romano que tinham o hábito, bastante difundido, de frequentar casas de banhos sociais e curativos com águas termais. O hábito dos banhos termais era tão importante para os romanos, que eles também construíam *villas* em localidades próximas ao litoral ou de fontes hidrotermais. O renascimento dessa prática ocorreu no século XVI, quando os médicos da época “passaram a recomendar os banhos termais para o tratamento de diversas moléstias”. Tornou-se

hábito das classes mais abastadas, viajar até estâncias balneárias. No século XVII surgiram “diversos balneários com objetivos medicinais” e o mais antigo talvez tenha sido o de Scarborough, na Grã-Bretanha, de 1662, com a descoberta de uma fonte nesta praia. Já na primeira metade do século XVIII, Bath, no Reino Unido, e “muitos outros centros termais contavam com uma boa atividade social e atraíam as pessoas mais importantes da época”, neste momento, haviam sido publicadas teses sobre os benefícios do uso da água do mar, o que levou ao surgimento de balneários litorâneos na Inglaterra e França (URRY, 1996 e ACERENZA, 1991, apud FRATUCCI, 2008).

Para Aguinaldo Fratucci (2008) a atividade balneária termal ou marítima deu ao viajante uma percepção diferente de sua vivência social cotidiana, pois os balneários que visitavam os brindavam “com bailes, passeios, bibliotecas, jogos e festas que lhes proporcionavam prazeres e entretenimentos diferenciados”, ampliando oportunidades de novas interações sociais e experiências urbanas.

Junto às transformações econômicas e espaciais geradas pela Revolução Industrial, no século XIX, vieram as transformações sociais, políticas, ideológicas e culturais, formando uma nova classe social de proletariados, com limite de jornada de trabalho, direitos a férias e fins de semana remunerados; formando uma nova classe social de viajantes em busca de “loais onde poderiam desfrutar da companhia de outras pessoas do mesmo nível social”, em seu tempo

livre. Neste período, o acesso a viagens por prazer, foi ampliado à população fora das classes mais abastadas. A ideia de afastar-se do cotidiano de trabalho e familiar para visitar espaços de banho e lazer ao ar livre, é o símbolo de status que essa nova classe almeja. Dispondo de recurso, tempo livre e facilidade de deslocamento proporcionada pela nova malha ferroviária da Europa, que conectava as cidades industriais aos balneários, a nova classe média europeia firma os balneários como destino de descanso e lazer, popularizando o hábito, levando estas estâncias à diferenciação “tanto em termos de infraestrutura, como em relação aos serviços oferecidos ao viajante” (FRATUCCI, 2008, p. 35).

À época, a estratificação social dos balneários se dava pela proximidade deles às cidades industriais, os mais acessíveis tinham um tom mais popular, enquanto que, os com distância de pelo menos um dia de viagem, eram mais aristocráticos e reservados. A alta demanda desse tipo de lazer, levou à formação do primeiro centro turístico de férias e praia das Américas, Atlantic City, nos Estados Unidos, em 1824. (ACERENZA, 1991, apud FRATUCCI, 2008).

Ainda no século XIX, junto ao crescimento dos balneários, houve crescimento de grupos de turistas ingleses viajando pela Europa, como uma popularização das viagens do *grand tour*⁸, antes

reservados apenas aos jovens aristocratas. Esse movimento “fez surgir os primeiros hotéis com características atuais (quartos privados, banheiros individuais, etc.), especialmente em cidades banhadas por rios ou lagos na Suíça”. (CUNHA, 1997 apud FRATUCCI, 2008, p. 38)

Já no século XX, no advento da comunicação (descoberta do telégrafo e telefone), do deslocamento (expansão das redes rodoviárias e ferroviárias) e do desenvolvimento industrial dos Estados Unidos, a sociedade se mostrava mais liberal e apresentava novos conceitos de vida. Surgia a helioterapia e, junto aos balneários termais e estâncias climáticas de montanha, os balneários marítimos ganharam força, se desenvolvendo principalmente no litoral do Mar Mediterrâneo. Após a Segunda Guerra Mundial, os países europeus usaram o turismo “como estratégia de desenvolvimento rápido e estimulador de entrada de moedas estrangeiras”. Era uma oportunidade de financiar suas reconstruções. Era a fase do turismo de massa; “turismo do sol e mar, caracterizado pelos três S: *sun, sea and sand*”, com principais destinos no sul da Europa e do México e leste do Estados Unidos. Era a busca por balneários marítimos paradisíacos e isolados (física e culturalmente) do entorno local. Mas com a Conferência Mundial do Turismo de 1990, a produção do turismo se deparou com a

⁸*Grand Tour* era o termo inicialmente dado ao período de conclusão da formação educacional dos jovens aristocratas ingleses, que a partir do século XVI, para coroar o fim de seus estudos, viajavam por cerca de 3 anos à países

europeus considerados cultos e importantes, como França, Itália, Alemanha, Países Baixos e Suíça, com o intuito de vivenciar sua cultura e enriquecer o próprio conhecimento.

necessidade de valorizar a proteção ambiental e de respeitar as diferenças dos povos e nações. Também, passou a ser interesse do turista a união de atividades culturais e desportivas; ele buscava programas de férias que contribuíssem com o ganho de conhecimento e o desenvolvimento humano (FRATUCCI, 2008, p. 39, 40). Segundo a Organização Mundial do Turismo - OMT (2007 apud FRATUCCI, 2008) o turismo de sol e praia é responsável por mais da metade das viagens internacionais, continua em crescimento e os *resorts* continuam se expandindo, principalmente nas regiões tropicais dos países em desenvolvimento. Ou seja, a atividade balneária marítima é até hoje uma das atividades de lazer mais desejadas e acessíveis a todo classe social.

A atividade balneária marítima surge no Brasil no século XIX, após a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, também como prescrição terapêutica, quando os médicos reais indicam ao príncipe regente Dom João, os banhos de mar para a cura de seus males (PERROTA, 2015 apud FAGERLANDE, 2018). Perrotta conta que, segundo relatos de estrangeiros, as praias do Rio de Janeiro eram utilizadas por algumas famílias, a partir de 1830. Com a popularização da prática, aos poucos, foram surgindo infraestrutura de apoio a esse novo costume, quando 1883 o Grande Hotel de Botafogo oferece habitações higiênicas para facilitar o banho de mar. O uso das praias, para banhos (uso, até então, terapêutico) e prática de esportes (uso de lazer) no Brasil, foi um hábito importado pelos

estrangeiros europeus que aqui chegaram, pois eles já valorizavam o uso balneário marítimo e encontraram em nossa natureza as condições favoráveis à prática, até hoje muito apreciada e atrativa.

Como mencionado anteriormente, João Pessoa foi fundada pela coroa portuguesa à margem direita do rio Sanhauá, hoje, parte do limite oeste da cidade. Inicialmente seu desenvolvimento urbano se deu em volta de sua fundação e na direção sul (rota de ligação com Olinda e Recife). Com o desenvolvimento da produção açucareira e algodoeira, os barões dessas produções viram a necessidade de viver próximo do ponto de escoamento de sua produção, o que impulsionou o desenvolvimento urbano na direção leste, mas ainda só chegando ao que hoje corresponde à região central da cidade. A partir do desenvolvimento industrial, uma nova leva de classe social emergente gerou nova demanda de expansão da cidade. Foi o momento da história em que frequentar praias era valorizado e possuir casa de veranêio era sinônimo de estatus. Nesse momento, com grande força, a cidade se expande à leste, finalmente chegando ao litoral e desse momento até hoje, frequentar a praia para banho e lazer é valorizado e muito demandado, pela população local e turistas visitantes. A valorização de espaços balneários foi grande influenciador na ocupação urbana da orla de João Pessoa e nos dias de hoje é importante fator na valoração de espaços. A orla urbana do norte de João Pessoa, é urbanizada e equipada com quiosques, aparelhos de lazer, calçadas sombreadas e mobiliadas, ciclovias e

diversos itens e lojas que apoiam o lazer de seus frequentadores, sejam banhistas ou não.

3 RECONHECIMENTO DO LUGAR

3.1 APRESENTAÇÃO DO BAIRRO

3.1.1 Análise MORFOLÓGICA

O bairro Ponta do Seixas está situado na Zona Leste, no meio da costa da cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba; uma cidade litorânea com 138 km de costa marítima, banhada pelo Oceano Atlântico e situada na Região Nordeste do Brasil. O Ponta do

Seixas faz fronteira com outros 3 bairros: Cabo Branco a norte, Portal do Sol a oeste e Penha a sul, ficando o Oceano Atlântico como seu vizinho a leste.

Segundo o último Censo de 2010, este bairro possuía uma população de 474 habitantes, correspondente a 0,065% da população de João Pessoa que era de 723.515,00 habitantes (e estimativa de 817.511 pessoas para 2020). O bairro possui área aproximada de 600 km²,

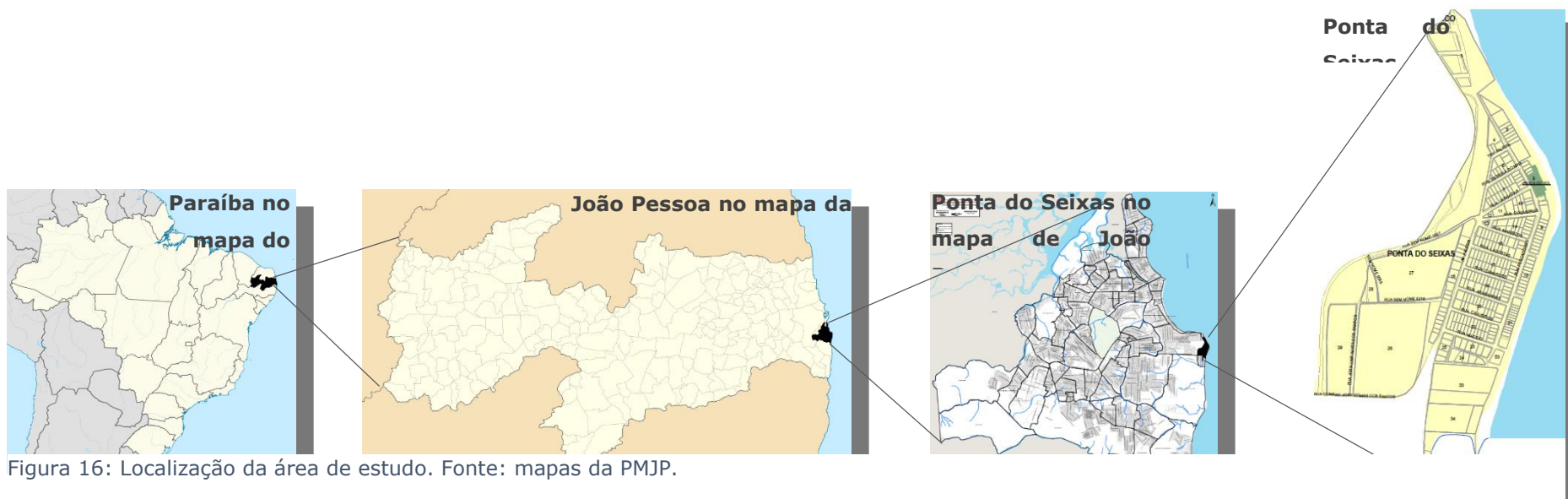


Figura 16: Localização da área de estudo. Fonte: mapas da PMJP.

portanto uma densidade demográfica de aproximadamente 0,8 hab/km², muito abaixo, comparada a densidade da capital que era de 3.421,28 hab/km².

Através do levantamento *in loco* de suas informações físicas e posterior produção de mapas temáticos que representam o sistema viário do bairro, a distribuição de propriedade em seu território, a presença edificada, assim como o uso e ocupação de seu parcelário, o gabarito do lotes edificados, topografia e concentração de massa vegetal em seu território e a legislação a que essa área é submetida a partir do zoneamento atribuído pelo Plano Diretor de 2001.

Com essa investigação foi possível compreender a dinâmica de apropriação do bairro e identificar suas potencialidades e deficiências. Esta análise também subsidiou a compreensão do tipo de apropriação e do valor que a Praça do Sol (objeto desse estudo) tem para a população que a conhece e a frequenta.

TRAÇADO DAS VIAS

O mapa de Traçado Viário do bairro Ponta do Seixas representa a localização, largura e extensão das vias que percorrem o bairro. Ele revela que o bairro possui apenas um acesso, através da Avenida Panorâmica que percorre quase todo seu perímetro oeste, até entrar no bairro pela Rua Comerciante José Gomes dos Santos que o separa do bairro da Penha e conduz o percurso à leste e nordeste até quase o centro do bairro, onde se divide em Rua Adalgisa Camelo, que leva

o percurso à sul, concluindo o perímetro oeste do bairro, e Avenida Falésia, que leva o percurso à norte, onde só então se encontra com outras vias formando uma trama viária.

Este mapa também revela que 5 curtas vias conduzem o acesso público à praia, mas o levantamento da área revela que 2 estão obstruídas, um com a construção de um bar e outro com sua conversão em estacionamento privado de apoio a um conjunto de duplex. Dessa forma, a permeabilidade física à praia é tão restrita quanto a permeabilidade visual.

O bairro possui binário que forma um circuito fechado composto por 4 ruas, ele percorre a rua costeira (Rua Pescadores) e a sua quase paralela (Av. Falésias) que atravessa o meio do bairro, estas duas apresentam uma faixa de rolamento com perfil largo. Essas ruas são revestidas por asfalto, apresentam perfil viário composto por ciclofaixa com sentido duplo e sinalização horizontal, larga faixa de rolamento com sentido único e faixa de estacionamento paralelo à via, todas em bom estado de conservação e sinalização, enquanto que as faixas de calçada, destinadas aos pedestres, muitas vezes não possuem revestimento, principalmente quando em frente a lotes desocupados.

6

Perfil viário do binário



4

Acesso livre à praia



3

Acesso à praia obstruído por Estacionamento privado



2

Acesso à praia obstruído por bar



5

Acesso livre à praia



Figuras 1 a 5 são as ruas de acesso à praia e 6 é o perfil das ruas principais que fazem percurso circular por dentro do bairro. Fonte: produzido pela autora.

Rua Comerciante José
Gomes dos Santos

Avenida Panorâmica

Rua Adalgisa Carneiro

Rua Macedo

Avenida Fátima

Rua Pescadores

Rua Fátima

LEGENDA:

Repres. Descrição

- Vias
- Oceano Atlântico
- Praça
- Rio Cabulo
- Limites do bairro

base dwg: PMJP editada
 fonte: dwg + levantamento
 edição: YARLLA D. ROSA
 data: DEZEMBRO 2019
 escala: 1/7.500
 escala gráfica:



OCEANO ATLÂNTICO

BAIRRO PONTA DO SEIXAS
 MAPA DO TRAÇADO VIÁRIO

ESPAÇO PÚBLICO X ESPAÇO PRIVADO

O mapa de Espaços Público X Privado destaca a localização e extensão dos espaços de propriedade privada dentro do bairro. Ele revela que o território privado se concentra nas porções leste-sul do bairro, 54,53% do território, e que sua extensão em área é pouco maior que a área de propriedade pública, 45,47% do território, que permeia todo o território privado, através das vias e se concentra principalmente nas porções norte e extremo oeste, além de um trecho central do litoral, correspondente à praça do bairro, a Praça do Sol. Também fica claro que o território privado permeia a orla do bairro, onde a disposição das quadras bloqueiam grande parte da permeabilidade física e visual entre as vias públicas e a praia, principalmente considerando que 2 dos 5 acessos à praia estão bloqueados, como mostrado nas imagens 2 e 3 do mapa anterior. O mapa também revela que os acessos públicos mais amplos à praia, se dariam através do extremo norte do bairro ou pela praça, seriam também as áreas que ofereceriam maior permeabilidade física e

visual entre as vias públicas e a paisagem natural composta pelas praias, mata atlântica e falésias.

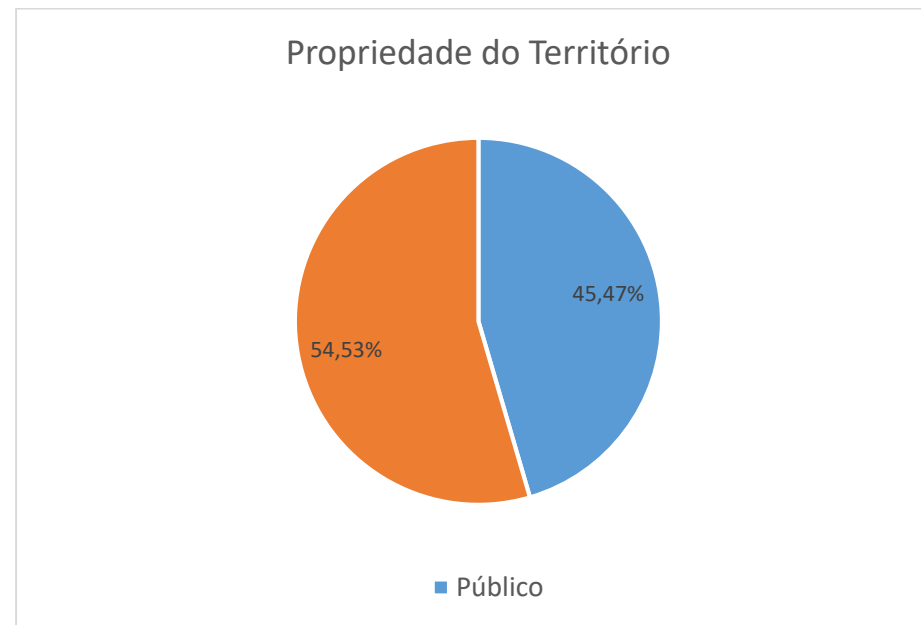


Figura 17: Gráfico representando os percentuais entre lotes de propriedade pública e privada no bairro Ponta do Seixas. Fonte: produzido pela autora.

LEGENDA:

Repres. Descrição

- Privado
- Público
- Oceano Atlântico
- Praça
- Rio Cabelo
- Limites do bairro

base dwg: PMJP editada
fonte: dwg + levantamento
edição: YARLLA D. ROSA
data: DEZEMBRO 2019
escala: 1/7.500
escala gráfica: 50 150 250m



OCEANO ATLÂNTICO

BAIRRO PONTA DO SEIXAS
MAPA DE ESPAÇO PÚBLICO X PRIVADO

CONSTRUÍDO X NÃO CONSTRUÍDO

O mapa de Espaço Construído X Não Construído revela o quanto do território do bairro está ocupado por edificações e nele se observa que a área com maior concentração edificada está sobre o território privado e espalhado no mesmo, concentrando-se nas porções centro-leste do bairro. O bairro possui muito baixa densidade edificada. Sua área é de cerca de 597.774,24m², destes, apenas 7,26% do território está edificado. Também se observa que há grande concentração conjugada de edificações sobre a área da praça, o que reduz a amplitude da permeabilidade física e visual nessa área, pressuposta na observação do mapa anterior.



Figura 18: Gráfico representando os percentuais entre a área edificada e não edificada no bairro Ponta do Seixas. Fonte: produzido pela autora.



Vista da Praça do Sol, ocupada por bares, a partir da rua.
Fonte: produzido pela autora.



Vista da Praça do Sol, ocupada por bares, a partir da praia.
Fonte: produzido pela autora.

LEGENDA:

Repres.	Descrição
	Construído
	Não construído
	Oceano Atlântico
	Praça
	Rio Cabelo
	Limites do bairro

base dwg: PMJP editada
 fonte: Imagem Google Earth editada
 edição: YARLLA D. ROSA
 data: DEZEMBRO 2019
 escala: 1/7.500
 escala gráfica:



OCEANO ATLÂNTICO

BAIRRO PONTA DO SEIXAS
 MAPA DE CONSTRUÍDO X NÃO CONSTRUÍDO

USO E OCUPAÇÃO

O mapa de Uso e Ocupação apresenta os tipos e localização dos diversos usos inseridos em cada lote no bairro Ponta do Seixas. O levantamento identificou 7 usos distintos, além da identificação de lotes sem uso, nomeados “vazio”, em marrom no mapa. A representação em mapa condensou dois usos em um, intitulado “comércio ou serviço” representado em vermelho, enquanto que o uso residencial foi desmembrado em dois, separando as ocupações unifamiliares das multifamiliares, respectivamente em amarelo e laranja, para que se pudesse identificar o grau de adensamento populacional nos lotes. Os demais tipos de uso representam os lotes “em construção” em cinza, “institucional” em azul e “misto” em lilás. Considerando a divisão dos lotes apresentada no mapa fornecido pela PMJP e a identificação e registro de desmembramentos e remembramentos de lotes anotados durante levantamento *in loco*, o bairro Ponta do Seixas possui cerca de 277 lotes, destes, mais da metade está vazio, mas dentre os lotes ocupados, mais da metade corresponde ao uso unifamiliar, seguidos pelos usos de comércio ou serviço, institucional, misto (onde um dos usos é residencial) e por último, multifamiliar.

O mapa deixa claro que quase toda fronteira oeste do bairro (área pública) está desocupada e é composta por lotes extensos, mas também na porção leste (área privada) há grande número de lotes vazios. A menor porcentagem de ocupação corresponde a

construções em andamento, o que pode representar a possibilidade de pouca alteração do perfil ocupacional atual do bairro, ou processo ascendente de ocupação dos lotes vazios. Em terceiro lugar percentual, os usos de comércio ou serviço tem grande representatividade no bairro e em sua maioria correspondem a bares e restaurantes especializados em servir frutos do mar, além do destaque do grande lote a sul no bairro que corresponde a uma área de *camping*, o Camping Clube do Brasil – PB.

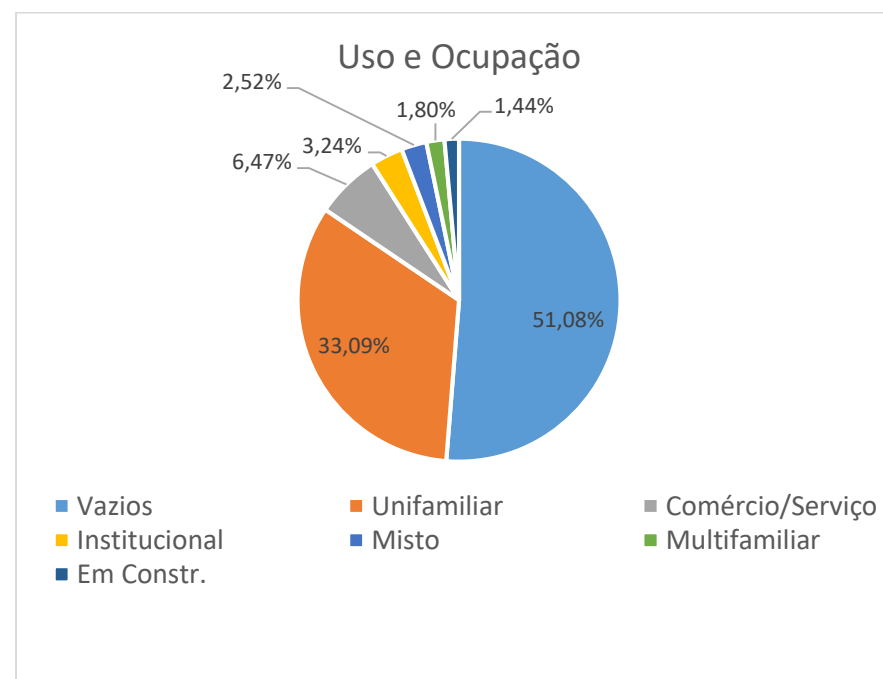


Figura 19: Gráfico representando os percentuais de lotes segundo seu uso no bairro Ponta do Seixas. Fonte: produzido pela autora.

Outra observação importante é que sobre a praça do bairro está representado o uso de “comércio ou serviço”, isso se deve ao fato de que um conjunto conjugado de bares que servem os frequentadores da praia e estavam instalados na areia, agora ocupam o território da praça, fugindo do avanço do mar na areia. Já em quarto lugar percentual, estão os lotes de uso institucional, perceptivelmente bem distribuídos por todo território. O bairro foi o lugar escolhido para a instalação de edificações recreativas de associações e sindicatos federais e estaduais, além do parque ecológico, Parque dos Tesouros.

De modo geral, os 5 usos edificados (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, comércio/serviço, institucional e misto) estão bem distribuídos pelo território do bairro, mas a instalação dos bares (uso comércio/serviço) da faixa litorânea, está notadamente concentrada a norte.

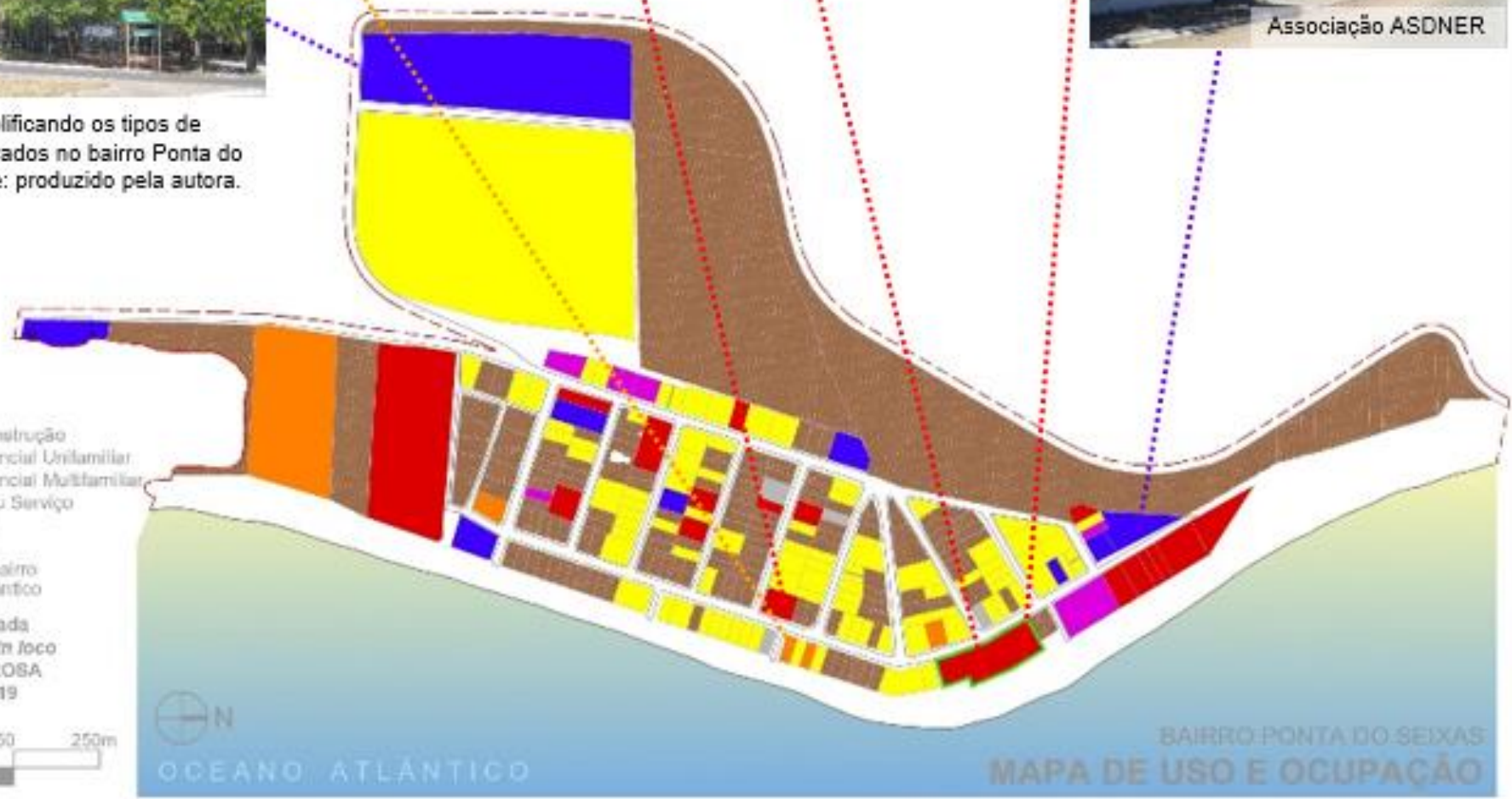


Fotos exemplificando os tipos de usos encontrados no bairro Ponta do Seixas Fonte: produzido pela autora.

LEGENDA:

Repres.	Descrição
[Brown]	Vazio
[Light Green]	Praça
[Grey]	Lote Em construção
[Yellow]	Lote Residencial Unifamiliar
[Orange]	Lote Residencial Multifamiliar
[Red]	Comércio ou Serviço
[Blue]	Institucional
[Purple]	Misto
[Dashed line]	Limites do bairro
[Blue]	Oceano Atlântico

base dwg: PMJP editada
 fonte: levantamento in loco
 edição: YARLLA D. ROSA
 data: DEZEMBRO 2019
 escala: 1/7.500
 escala gráfica: 0 50 150 250m
 gráfica: [Logo]



OCEANO ATLÂNTICO

BAIRRO PONTA DO SEIXAS
 MAPA DE USO E OCUPAÇÃO

GABARITO

O mapa de gabarito representa quantos pavimentos cada lote ocupado apresenta. O levantamento revelou que o bairro possui uma proporção equilibrada entre edificações com um e dois pavimentos. Um dado interessante revelado durante o levantamento é o de que as edificações com três pavimentos em sua maioria correspondem ao uso residencial unifamiliar, cujos terceiro pavimento é constituído por espécie de mirante particular, pois apresentam alguma cobertura e poucos elementos de fechamento. O bairro só possui um edifício de apartamentos, que está localizado na frente da praça.

Outra informação revelada pelo mapa é de que as edificações com mais de 2 andares tendem a se concentrar mais próximo ao mar, o que reforça o caráter de mirante e a importância dada pelos usuário/moradores à contemplação do mar.

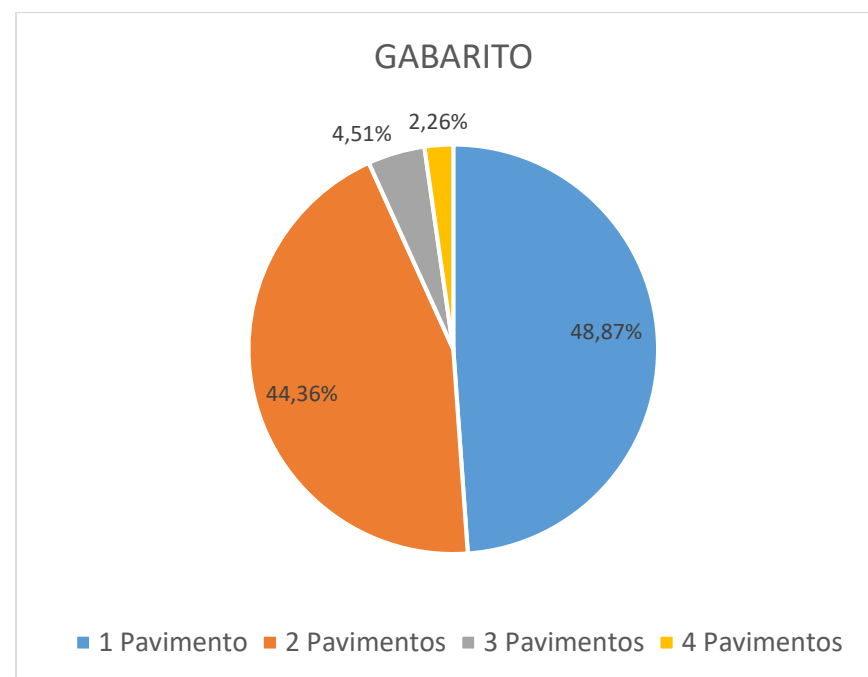


Figura 20: Gráfico representando os percentuais de lotes segundo seu gabarito no bairro Ponta do Seixas. Fonte: produzido pela autora.



Fotos exemplificando edificações com mais de 2 andares no bairro Ponta do Seixas. Fonte: produzido pela autora.

LEGENDA:

Repres.	Descrição
	Gabarito Térreo
	Gabarito 2 pavimentos
	Gabarito 3 pavimentos
	Gabarito 4 pavimentos
	Praça
	Limites do bairro
	Oceano Atlântico

base dwg: PMJP editada
 fonte: levantamento *in loco*
 edição: YARLLA D. ROSA
 data: DEZEMBRO 2019
 escala: 1/7.500
 escala gráfica:



OCEANO ATLÂNTICO

BAIRRO PONTA DO SEIXAS
 MAPA DE GABARITO

TOPOGRAFIA E COBERTURA VEGETAL

O mapa de topografia e vegetação expressiva representa os desníveis topográficos em relação à localização e densidade dos conjuntos arbóreos (vegetação) encontrados dentro dos limites do bairro. O bairro Ponta do Seixas apresenta grande variação altimétrica em seu território, partindo de zero ao nível do mar, até alcançar 35 metros de altura após a barreira de falésia morta a sudoeste do bairro. O bairro Ponta do Seixas é atravessado por um conjunto de falésias viva e morta do extremo norte ao extremo sul do bairro, cortando-o ao meio e produzindo uma variação altimétrica de 20 metros em média. Neste mapa se pode observar que a maior concentração de árvores e vegetação nativa cobre as áreas de propriedade pública, que incluem as falésias e o território do Parque dos Tesouros, além de alguns lotes privados não ocupados. Nota-se também que a área mais loteada e edificada se encontra aos pés da falésia morta, onde há pouco desnível no terreno, variando em cerca de 5 metros. A praça está a 3 metros do marco zero altimétrico, ocupa um terreno com 2 metros de variação de nível e possui 3 árvores.

Este mapa também revela que os principais limites do bairro correspondem a barreiras naturais: Oceano Atlântico a leste, Rio Cabelo a sul e falésia viva a norte e morta em parte do oeste e extremo sudoeste. Essas fronteiras naturais justificam a pouca conectividade viária do bairro com seu entorno. O que torna a presença de visitantes nesse bairro, totalmente intencional.



Figura 21: imagens mostrando a presença da falésia morta que atravessa o bairro Ponta do Seixas de norte a sul e a concentração da ocupação urbana do bairro aos pés da falésia, junto ao mar. Fonte: Google Earth Pro, manipulada pela autora.

2

Vista da falésia morta por trás da área edificada



1

Encontro da falésia morta com a falésia viva



Fotos representando as distintas faixas de falésia no bairro Ponta do Seixas
Fonte: produzido pela autora.

LEGENDA:

Repres. Descrição

- Conjunto arbóreo
- Oceano Atlântico
- Praça
- Rio Cabele
- Curva de nível de 1 em 1m
- Curva de nível de 5 em 5m
- Limites do bairro

Insc dwg: PMJP editada
font: dwg + Imagem Google Earth
edição: YARLLA D. ROSA
data: DEZEMBRO 2019
escala: 1/7.500
escala gráfica:



ZONEAMENTO

O mapa de macrozoneamento e zoneamento do bairro, representa quais são as macrozonas e zonas a que pertencem o bairro Ponta do Seixas de acordo com o Plano Diretor da cidade de João Pessoa.

Os mapas revelam que duas macrozonas passam pelo bairro: Zona de Preservação Ambiental (ZPA) por quase todo perímetro correspondendo, em sentido horário, de oeste a sul, as áreas de falésia morta e viva, incluindo todo oeste e norte do bairro, todo perímetro costeiro de norte a leste e as margens do Rio Cabelo, no extremo sul; e Zona Não Adensável (ZNA) restrito a área central do bairro.

Quanto ao zoneamento, quatro zonas constituem a Ponta do Seixas: Parque Cabo Branco, em toda porção oeste, a partir das falésias morta e viva e extremo norte do bairro, resguarda esta área ambientalmente sensível composta pelas falésias e talude coberto por Mata Atlântica sobre elas; Zona Especial "E" de Preservação da Praia do Seixas (EPS) na mesma área central correspondente à ZNA; Zona Especial "D" de Preservação da Praia do Seixas (DPS) em todo perímetro leste do bairro que margeia a EPS; e Zona Especial de Preservação dos Grandes Verdes (ZEP2) na porção sul que margeia o Rio Cabelo. Logo, todo o bairro Ponta do Seixas ocupa uma área ambientalmente sensível, cuja paisagem natural é um bem a se preservar.

A Praça do Sol está na macrozona ZPA e zona DPS, logo, de acordo com Código de Urbanismo de 2001 (pgs. 47, 48 e 89), faz parte da Zona de Preservação do Cabo Branco e Praia do Seixas (ZP1) e seus usos permitidos são: recreacional, desportivo e turístico.

ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO DO CABO BRANCO E PRAIA DO SEIXAS

SUB ZONAS	USOS PERMITIDOS	LOTE *		EDIFICAÇÃO					
		ÁREA MÍNIMA (m²)	FRENT E MÍNIMA (m²)	TAXA DE ACUPAÇÃO MÁXIMA	COEF. DE APROVEIT MÁXIMO	ALTURA MÁXIMA	AFASTAMENTOS		
							FRONTAL (m)	LATERAL (m)	FUNDO S (m)
DPS	Recreacional Desportivo Turístico	1.400,00	-	0,40	0,80	(1) 1,00	(4)	5,00	5,00
EPS	Comercial Atividades de Vizinhança								
	R1	700,00	-	0,40	0,80	2,00	5,00	3,00	3,00
	R4	700,00	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)
	R5 (6)	700,00	-	0,30	0,90	3 Pav	5,00	3,00	3,00

(1)- Inclusive o térreo quando não se tratar de pilotis

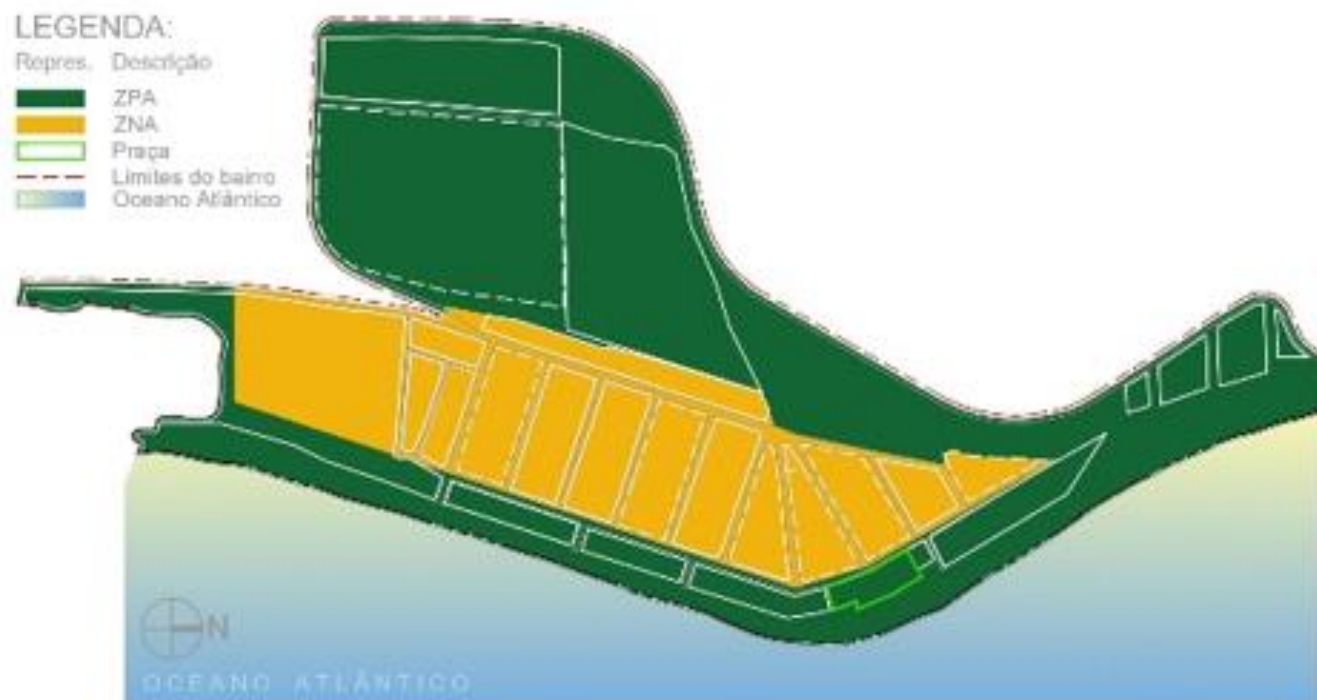
(2)- 20,00m para a Av. panorâmica
10,00m para as demais vias

(3)- Ver anexo 9








(4)- 8,00 para os terrenos de marinha
5,00 para as vias

LEGENDA:


Repres.	Descrição
	ZPA
	ZNA
	Praça
	Limites do bairro
	Oceano Atlântico



LEGENDA:

Repres.	Descrição
	Parque Cabo Branco
	EPS
	DPS
	ZEP2
	Praça
	Limites do bairro
	Oceano Atlântico



base dwg: PMJP editada
 fonte: mapas de macrozoneamento e
 zoneamento da PMJP (reprodução)
 edição: YARLLA D. ROSA
 data: DEZEMBRO 2019
 escala: 1/10.000
 escala: 50 150 250m
 gráfica: 

BAIRRO PONTA DO SEIXAS
 MAPA DE MACROZONEAMENTO E ZONEAMENTO

O processo de análise do bairro Ponta do Seixas, através da construção e avaliação dos mapas temáticos, revelou que este pequeno bairro é bastante isolado de seu entorno por possuir apenas um acesso viário a seu território, que se deve a sua localização geográfica e a topografia de seu território. Essas características naturais também justificam a concentração da malha viária e da massa edificada a leste de seu território, onde a topografia é mais plana, assim como a predominância da propriedade privada nesta área passível à ocupação, restando à propriedade pública os terrenos de natureza sensível, como as falésias vivas e grande parte da morta. Mas o resguardo das áreas naturais não contemplou as margens do Rio Cabelo, entregues à propriedade privada.

Esta análise também revelou que o bairro Ponta do Seixas tem pouco mais da metade de seus lotes sem ocupação, o que indica potencial de crescimento populacional e portanto aumento na demanda da infraestrutura urbana. A maioria dos lotes edificados possui uso residencial, mas também há muita presença de restaurantes e associações que geram, junta a praia, grande atratividade externa ao bairro, demandando grande número de estacionamento de veículos particulares e ônibus que transportam tanto os frequentadores das associações quanto da praia. Portanto, o bairro oferece opções particulares de lazer recreacional, através dos clubes e associações, e gastronômico, através dos bares e restaurantes.

Outra informação revelada pela análise é a escassez de área livre pública urbanizada, destinada ao lazer e/ou permanência. Excetuando as vias públicas e as áreas ambientalmente sensíveis (falésias vivas e mortas) e portanto de proteção, como espaço livre público restam a praia e a Praça do Sol. Apesar da praia estar presente em todo perímetro leste do bairro, a ampla maioria dessa fronteira é ocupada por quadras particulares, restando como acesso, 3 ruas e a praça; mas esta só possui título e nenhuma infraestrutura que resguarde sua função primeira de lazer e/ou permanência. Como explicitado no “Mapa de Uso e Ocupação”, a praça que deveria, segundo a classificação de uso do Código de Urbanismo (2001, pg.75), ser classificada como de uso “institucional local”, está classificada como “comércio/serviço” devido a sua quase completa ocupação por bares que servem os frequentadores da praia.

3.1.2 O BAIRRO na cidade

O bairro Ponta do Seixas na cidade de João Pessoa tem quase nenhuma representatividade. Trata-se de um bairro pequeno, geográfica e topograficamente isolado, sem calçamento nas vias locais e seus passeios, mas com infraestrutura básica de iluminação pública e cobertura asfáltica apenas no binário circular que percorre o bairro. Ele não possui escolas públicas ou privadas, postos de saúde ou policiais, creches ou centros comerciais. Os moradores deste bairro se servem da infraestrutura dos bairros vizinhos, como por

exemplo, PSF e escola municipal do bairro da Penha, seu vizinho a sul.

Seu isolamento físico é reforçado pela limitação da mobilidade do transporte público coletivo que o serve. Este bairro é servido por 3 linhas de ônibus da cidade: 207 (Penha-Mangabeira-Mangabeira Shopping); 2307 (Penha-Rangel-Integração-Pedro II); 3207 (Penha-Pedro II -Integração- Rangel). Destas linhas, 2 operam em rota circular (2307 e 3207), portanto fazem o mesmo percurso mas em sentidos opostos e ligam o bairro à Zona Oeste, passando pela Zona Sul e pequeno trecho da Zona Leste (seu trecho mais oriental);

enquanto a outra linha (207) liga este bairro à Zona Sul da cidade, conforme a figura 22.

Apesar da capital paraibana possuir 24 km de orla, apenas cerca da metade norte estaria dentro da classificação de praia urbana, que correspondem àquelas “localizadas dentro de espaços continuamente urbanizados, isto é, assentadas dentro do tecido citadino” e que neste caso, configuram a imagem “definida pela trilogia mar-areia-edificação” (MMA e MPO, 2004). Todas essas praias fazem parte da Zona leste da cidade e incluem a praia Ponta do Seixas e finda na praia da Penha, mas estas duas últimas estão separadas das vizinhas



Figura 22: Rotas das linhas de ônibus 207, 2307 e 3207 que servem o bairro Ponta do Seixas. Fonte: https://moovitapp.com/index/pt-br/transporte_p%C3%BAblico-lines-Joao_Pessoa-1622-850765. Acesso em 04/03/2020 .

do norte tanto por praia quanto por continente. A presença da falésia ativa (viva) que abriga o Farol do Cabo Branco, importante ponto turístico da capital paraibana, as separam por praia, enquanto o Parque Cabo Branco, área de preservação, ambientalmente sensível por estar sobre falésias, as separam por continente. Logo, tanto limites naturais quanto limites da infraestrutura de mobilidade urbana pública, tornam o bairro Ponta do Seixas um lugar isolado (última imagem da figura 22).

A limitação das linhas e rotas do transporte público coletivo também limitam a conexão deste bairro com os demais pontos turísticos das cidade que lhe são muito próximos, assim como das principais praias urbanas da cidade, suas vizinhas do norte.

Este isolamento também contribui com a diferença na dinâmica de uso e apropriação do bairro e sua praia. Em geral, as pessoas que vão à Ponta do Seixas tem uma intenção específica, os visitantes deste bairro tem um foco, um objetivo. Visitantes individuais buscam a praia, o aquário, os restaurantes ou as associações, enquanto que grupos de visitantes se organizam em ônibus para frequentar a praia ou as associações. Quem frequenta o bairro Ponta do Seixas não está em busca de pontos turísticos.

João Pessoa se orgulha de ser a terceira cidade mais antiga do Brasil. O centro histórico da capital está repleto de casarões, igrejas, largos e praças que remontam essa história. Edificações e urbanizações do

período colonial guardam os lugares que contam a história desta cidade, elas servem de registros da história deste lugar. Se a intervenção humana, neste caso, através da arquitetura e do urbanismo já não existisse, se o ambiente construído nessa época não fosse protegido e não mais existisse, a importância da história de João Pessoa só estaria registrada nos livros, não poderia ser apreendida com outros sentidos humanos.

Bem, uma importante característica do bairro Ponta do Seixas, sumamente ignorada e até negligenciada pelo poder público, é o fato dele abrigar o marco geográfico que dá à capital paraibana o título de cidade mais oriental do continente americano. Título esse que dificilmente pode ser apagado pelo tempo, por se tratar de uma característica ambiental e geográfica. Esse marco geográfico está demarcado por uma praça pública, a Praça do Sol, que se encontra quase sem nenhuma infraestrutura urbana e nenhum tratamento ou equipamento que possibilite seu uso para lazer ou permanência. Mas o poder público além de negligenciá-la, encobre sua importância geográfica, provavelmente por não ser urbanisticamente atraente, como está explícito no site da Secretaria de Turismo de João Pessoa, quando apresenta esta capital ao turista e intitula o farol do Cabo Branco com ponto mais oriental, demonstrado na figura 25.



Figura 23: Página da Secretaria de Turismo da PMJP apresentando a capital ao turista. Fonte: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/setur/a-capital/>. Visitada em: 02/04/20.



Figura 24: Material informativo produzido pela PMJP, que aponta os pontos turísticos da cidade de João Pessoa. Fonte: <http://www.sindicerp.com.br/noticias/2018/5/16/bem-vindos-ao-47->

encontro-nacional-de-ceramica-conheca-mais-sobre-joo-pessoa Acesso em 04/03/2020.



Figura 25: Destaque da figura anterior, marcando o Farol do Cabo Branco como ponto mais oriental na figura representativa. Fonte: captura de detalhe da imagem anterior.

Toda a sensibilidade ambiental que cerca o bairro Ponta do Seixas, alimenta a necessidade de sua proteção e cuidado, além do desencorajamento em ser amplamente visitado. Este bairro contém em seu território, ambientes que representam diversidade e riqueza naturais que pedem por proteção e disciplinamento.

A instituição do Parque Cabo Branco é uma importante ferramenta de proteção do talude de mata atlântica que recobre as falésias litorâneas da Zona Leste da cidade, mas o ponto mais oriental das

Américas, embora não possua a mesma amplitude ambiental, também precisa ser protegido.

O capítulo seguinte se debruça sobre as atuais condições de infraestrutura e apropriação da praça, assim como os principais usos encontrados sobre ela e seu entorno.

3.2 APRESENTAÇÃO DA PRAÇA

Foi evidenciado no mapa temático representativo de “Espaço Público X Espaço Privado”, que o bairro Ponta do Seixas só possui como espaços livres públicos as vias, o Parque Cabo Branco e a Praça do Sol. Esta praça está localizada quase no ponto médio da orla do bairro; como não existe via pública margeando a orla marítima do bairro, ela seria o acesso livre público mais amplo à praia. A Praça do Sol possui área de 4.667,68m² que corresponde a 0,78% da área total do bairro que é de 597.774,24m² e 1,7% da área total de propriedade pública, que é de 271.810,73m². Sua implantação se estende longitudinalmente entre as margens da via pública e a praia, percorrendo-as, respectivamente, por 117,15m e 126,67m, com profundidade variando entre 40,35m e 32,18m. Quanto a orientação de sua implantação, suas fachadas estão voltadas, uma para oeste, margeando a via pública e a mais longa está voltada para o leste, margeando a praia do Seixas, aberta ao nascente e ao principal sentido de ventilação natural



Figura 26: imagens representando o ponto mais oriental da praia do Seixas. Fonte: extraída do Google Earth Pro e manipulada pela autora.

(SE). Os limites laterais fazem divisa com lotes de propriedade particular e estão voltados, um a norte e outro a sul.

No fim do capítulo anterior, foi mencionado que a Praça do Sol ocupa a porção territorial mais oriental do continente americano, mas esse território está perdendo terreno pra erosão.

Como é perceptível na figura 26, a Praça do Sol (dentro do contorno verde) é o lote que tangencia o ponto geográfico mais oriental da costa (eixos vertical e horizontal vermelhos), mas como se percebe na figura 27, a erosão tem consumido este terreno, restando como território mais oriental preservado (eixos vertical e horizontal amarelos), uma residência, dois lotes a sul da praça, graças a contenção de pedras instalada pelo proprietário.



Figura 27: imagens representando o terreno preservado mais oriental na orla do Seixas. Fonte: extraída do Google Earth Pro e manipulada pela autora.

3.2.1 Dinâmica de OCUPAÇÃO e ENTORNO

A infraestrutura encontrada na Praça do Sol é composta por: 2 bolsões de estacionamento pavimentados com calçamento de pedra; 2 postes de iluminação distribuídos no eixo central da praça, além dos postes de iluminação pública voltados à via; área recuada destinada a ponto de parada de ônibus; e pavimentação geral cimentícia. Quanto a vegetação, a praça possui poucas árvores, mas todas frutíferas; em seu interior existem 3 árvores conhecidas como amendoeira ou castanhola (nome científico: *Terminalia catappa*), sendo 2 adultas e uma jovem, no limite de seu território com a areia da praia, existem 2 coqueiros, 1 adulto e um jovem, e uma árvore adulta conhecida como jamelão ou azeitona preta (nome científico: *Syzygium jambolanum*). Sobre a praça também se encontram bares informalmente implantados, construídos com materiais e de maneira improvisadas.

Assim como a implantação dos bares não possuem infraestrutura formal sobre a praça, também não fazem uso de local apropriado para o armazenamento do lixo produzido neste local e este é encontrado aglomerado nas bases dos postes de energia ou nos cantos dos muros dos lotes vizinhos.



Figura 28 :imagem representando a infraestrutura encontrada na praça e lixo aglomerado na base dos postes. Fonte: registrada pela autora em Abril de 2020.

Sob o bolsão sul de estacionamento da praça existe a instalação de duto para escoamento pluvial. Os anéis que compõem o fim do duto se encontram expostos e mal encaixados e sua localização coincide com a área mais profundamente afetada pela erosão do território da praça, o que o coloca como um possível fator contribuinte desta erosão que já provocou a perda de parte do terreno da praça.



Figura 29: imagens mostrando duto de escoamento pluvial sob o estacionamento sul da praça. Fonte: registrada pela autora em dezembro de 2019 e Abril de 2020.

Esta praça vem sofrendo um processo de mudança na dinâmica de seu uso e ocupação. A sequência de imagens abaixo representa 7 momentos consecutivos que revelam, ao longo de 14 anos, como a Praça do Sol e sua praia vem sendo ocupadas mediante o processo de erosão que tem consumido o terreno da praça e reduzido a faixa de areia livre na praia. Esta dinâmica produziu mudança na implantação dos bares que informalmente servem os frequentadores da praia e consequentemente mudou o uso dado a praça.

Observando o registro contemporâneo de imagens de satélite da área da Praça do Sol e seu entorno imediato e comparando com imagens do passado, através do aplicativo Google Earth Pro, foi possível identificar a variação da localização (área de ocupação) e o número de bares existentes nessa área. De acordo com o registro mais antigo de imagens da área, datada de Outubro de 2005, até Janeiro de 2008,

os bares estavam instalados na areia da praia e ocupavam cerca de 2/3 do perímetro leste da praça, a porção centro-norte. Ainda segundo as imagens, entre 2008 e 2009 a implantação dos mesmos bares começa a se estender sobre a praça, ao mesmo tempo que os sinais de erosão do terreno começam a aumentar. Fugindo do impacto das ondas, gradativamente os bares atingidos avançam sobre a praça, até que em Abril de 2013 estão todos totalmente fora da areia e sobre a praça, enquanto a erosão consome cada vez mais o 1/3 do perímetro de praça restante, a porção sul. A partir daí, o número de bares se manteve o mesmo, embora alguns tenham estendido um pouco mais sua ocupação sobre a praça, até que em Setembro de 2015 surge uma nova ocupação a sul, mas fazendo verificação *in loco*, identificou-se tratar de uma extensão do bar que já existia mais a sul. Porém em Maio de 2018 surgem outras 2 novas implantações de bares também a sul, após o aparente fim do avanço da erosão que já havia consumido mais da metade do estacionamento que existia na extremidade sul da praça. O grande número de vegetação rasteira sobre a área erodida, registrado na imagem desta data, seria um sinal da redução do processo de perda de terreno neste lugar. Comparando as imagens de satélite com a observação *in loco*, identificou-se a presença de 14 bares, destes, 12 estiveram presente nessa área desde a primeira imagem registrada, Outubro de 2005, até Janeiro de 2018, enquanto que os outros 2 só surgiram entre Janeiro e Maio de 2018.

Como consequência, a praça, como espaço livre público, perdeu terreno para a erosão e para os bares implantados informalmente e seu espaço restante está reduzido a uma estreita faixa usada como estacionamento.

A ocupação da praça atualmente corresponde a presença de 2 bolsões de estacionamento, estando um deles comprometido pela erosão, um quiosque de venda de passeios turístico, 14 bares margeando todo o perímetro leste (praia) e um vazio pavimentado margeando a via pública.

A seguir, um quadro cronológico exhibe através de imagens o processo de ocupação da praça e seu entorno ao longo do tempo.



2005: os bares estavam na areia e a praça era constituída por espaço pavimentado e desocupado, poucas árvores e estacionamento nas suas extremidades laterais norte e sul



2009: o bar mais a sul é desmontado e os demais começam a se prolongar em direção à praça



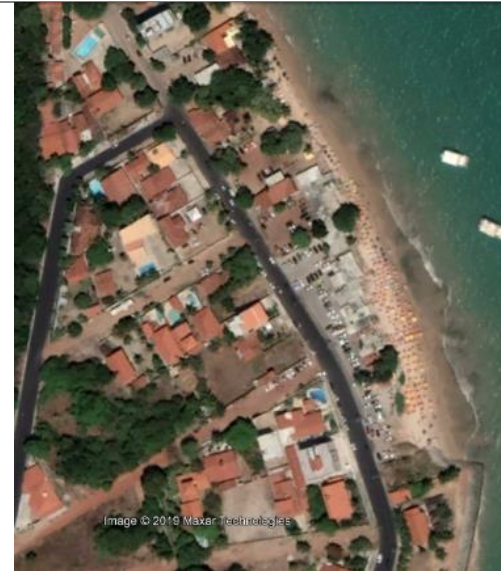
2013: as ondas já atingem a porção sul da praça assim como o estacionamento e alguns bares começam a ocupar o espaço da praça



2015: algumas árvores foram retiradas da praça e todos os bares de seu perímetro passam a ocupar parte da mesma e a quantidade de bares aumentada já ocupa todo o perímetro centro e norte do lado leste da praça, restando a porção sul que é a mais atingida pela erosão



2017: a erosão reduziu ainda mais a área da praça e do estacionamento sul, mas plantas rasteiras começam a ocupar a areia da área de impacto das ondas neste local



2018: os bares se estendem ainda mais sobre a praça; com grande número de frequentadores na praia, evidencia-se o uso de estacionamento dado à praça;



2019: as plantas rasteiras crescem ainda mais, ocupando quase toda zona de impacto das ondas da porção sul da praça e estacionamento, bares já surgiram nesta área, fixando-se na porção sul da praça, antes desocupada, restando de praça, apenas estreita faixa de pavimentação ao longo de sua via de acesso

Os usos encontrados na praça compreendem o de comercial pela ocupação dos bares, de serviço pela presença de quiosque que oferece passeios turísticos e de estacionamento para veículos particulares de passeio terrestre (carros e motos) e aquático (barcos e caiaques), além de área de embarque e desembarque para ônibus.

O território da praça serve de apoio à atividade de lazer praiano. Os bares, estacionamento e quiosque servem os frequentadores da praia. Esta área é tão demandada que todo seu entorno é ocupado por veículos estacionados, tanto de uso individual (carros e motos) como coletivo (ônibus de excursão). Esses veículos ocupam áreas destinadas ao estacionamento, as ruas, terrenos vazios e trechos da ciclofaixa.



Figura 30: Fotos representando respectivamente a presença de bares, quiosque de venda de passeio e estacionamentos de carros na praça, ciclofaixa e nas ruas e estacionamento de barcos na areia e na praça. Fonte: registrada pela autora em Dezembro de 2019 e Abril de 2020.

A partir da infraestrutura e usos encontrados na praça, assim como a forma que é apropriada pela sociedade, se pode observar que a Praça do Sol corresponde a um espaço negligenciado e vulnerável à livre apropriação correspondente ao interesse de uma minoria que vê nesse espaço ocioso uma oportunidade informal de subsistência. Todo o território da praça e seu entorno se encontra “privatizado”: **perenemente**, pela presença dos bares e quiosque que ocupam

cerca de 50% do território; e **temporariamente** pela ocupação do restante do espaço, assim como ruas do entorno e terrenos vazios por estacionamento “privativo” guardado por vigias ambulantes, assim como a ocupação de grade parte da areia por guarda sóis de aluguel. A atual configuração da Praça do Sol subtrai sua qualificação legal de espaço livre público, assim como seu título de praça.

3.2.2 Aspectos POSITIVOS e NEGATIVOS

POSITIVOS

Uso: a forte presença de banhistas na praia em frente ao espaço da praça atestam que o apoio ao lazer praiano é fator de atratividade.

Demanda: único espaço público e amplo para traslado, conexão de ambientes e permeabilidade física e visual.

Entorno: rua principal com estacionamento e ciclofaixa; ruas locais livres para estacionamento; e praia de águas tranquilas.

Localização: de frente ao ponto mais oriental do continete e a cerca de 1 km de piscinas naturais de recifes de corais.



Figura 31: Fotos da praia tiradas no mesmo momento, respectivamente, da ocupação em frente aos bares e em frente as residência, imediatamente contíguas. Fonte: produzida pela autora.

NEGATIVOS

Uso: o apoio ao lazer praiano, sem o disciplinamento da ocupação (bares e veículos) está obstruindo visão e passagem para a praia e contribuindo com a erosão.

Demanda: o apoio ao lazer praiano se sobrepõe à função de praça, limitando seu uso.

Entorno: estreito trecho de praia (guarda sóis de aluguel ocupam todo trecho de areia seca); insuficiência de vagas regulamentadas de estacionamento.

Localização: O terreno é atingido pela ondas, logo sofre erosão.



Figura 32: Registros dos banhistas atravessando da praça para a praia e vice e versa. Fonte: produzida pela autora.

3.2.3 POTENCIALIDADES

Uso: agregar funções de praça de lazer e contemplação, de apoio ao lazer praiano e ao turismo.

Demanda: um layout apropriado pode oferecer apoio a permanência na praça e passagem segura e acessível à praia, para pessoas, veículos e equipamentos.

Entorno: a atratividade das piscinas naturais poderia conduzir o visitante à praça.

Localização: único lote público da beira mar do Seixas, a praça é importante conexão entre o meio natural e o construído e moldura para a paisagem.



Figura 33: registro da intensa movimentação de banhistas na praia em frente aos bares que ocupam a praça. Fonte: produzida pela autora.

4 DIRECIONAMENTO PRÉ PROJETO

4.1 CONDICIONANTES

CÓDIGO DE URBANISMO:

- Situado em Zona de Preservação Ambiental (ZPA), denominada Zona Especial "D" de Preservação da Praia do Seixas (DPS).
- Usos permitidos: recreacional, desportivo, turístico.
- Taxa de ocupação: 0,4 = 1.917,83 m²
- Coeficiente de aproveitamento: 0,8 = 3.835,66m²
- Altura máxima: térreo ou pilotis + 1
- Afastamentos: frontal = 5m; pro mar = 8m; laterais = 5m

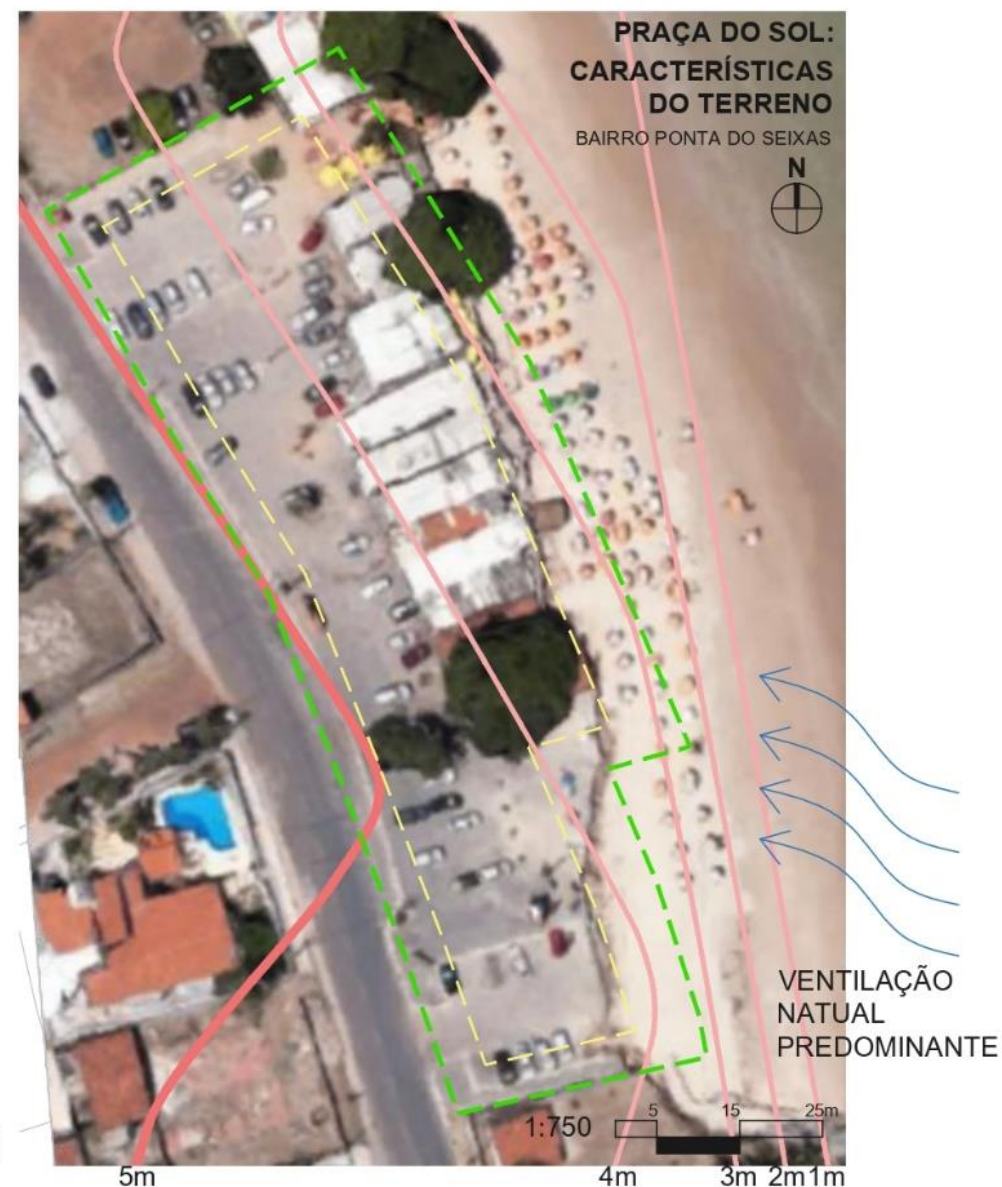
IMPLANTAÇÃO:

- O terreno da Praça do Sol está situado à beira mar do bairro Ponta do Seixas e ocupa uma área de 4.794,57m².
- Possui 2 longas frentes: uma voltada pro oeste, fronteiriça à via pública e outra voltada à leste, vizinha a praia, sob plena influência dos ventos, chuvas, marés e insolação.

LEGENDA:

Repres. Descrição

- Limites da praça
- Limite de ocupação
- Curva de Nível 5 em 5m
- Curva de Nível 1 em 1m



- Também possui 2 laterais mais estreitas: uma à sul, vizinha a residência com 2 pavimentos, cercada por muro alto, e outra à norte, vizinha a bar que só ocupa a porção leste de seu terreno, cercado por arames. Logo, entende-se que os usos mais tranquilos devem ser implantados na porção sul da praça, enquanto os usos mais agitados na porção norte.
- O terreno é aplainado, mas erodido à sul, onde a diferença de nível em relação à praia é bem maior, em comparação com o desnível existente à norte. A topografia da praia é mais suave na porção norte da praça, enquanto que à sul é mais abrupto.

4.2 Programa de NECESSIDADES

O programa de necessidades para a Praça do Sol foi construído com base na observação das praças e orlas muito frequentadas da capital, nos usos consolidados que atualmente existem na praça, em seu potencial turístico e no seu caráter único, dentro da cidade, de praça balneário.

- 12 barracas de praia permanentes, prezando o mínimo de ocupação e obstrução do espaço.
- Mirante que privilegie a vista para o mar e por consequência, do nascer do sol.

- Píer fixo com anexo flutuante: para democratizar o acesso ao mar e aos catamarãs que trasladam os visitantes das piscinas naturais do Seixas.
- Opções de quadras poliesportivas pavimentada e de areia.
- Equipamentos para a prática de exercício físico individual, que não, ou pouco necessite de supervisão.
- Equipamentos para lazer e recreação infantil.
- Espaços de descanso mobiliado e sombreado, principalmente próximo das áreas infantil e de esportes.
- Acessibilidade à praia, bares e ao mar.

4.3 DIRETRIZES de intervenção

- Restaurar e proteger a integridade física da praça;
- Preservar a paisagem natural;
- Reordenar o espaço de modo a oferecer infraestrutura de permanência, lazer e de apoio ao turismo.
- Integrar os usos de lazer e comércio e serviço.
- Conectar o ambiente natural ao urbano com acessibilidade.
- Introduzir atividades de interação social com segurança e conforto.

4.4 Análise de projetos CORRELATOS

PASSEIO MARÍTIMO TORREQUEBRADA, Espanha

Escritório: EL MUELLE ARQUITECTOS, 2019, área de 3.480 m².
(Imagens: archdaily.com.br)

Características apreendidas:

- Mirante
- Sinceridade estética
- Uso de gabião, concreto e madeira

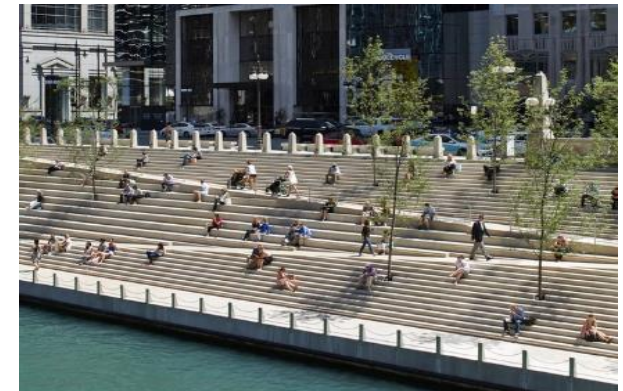


CHICAGO RIVERWALK, Chicago, Estados Unidos

Escritório: DEPARTAMENTO DE TRANSPORTE DE CHICAGO, 2015.
(Imagens: archdaily.com.br)

Características apreendidas:

- Lojas subterrâneas e próximo à água
- Escadaria, rampas e arquibancadas como mirantes e entrelaçadas



METROPOL PARASOL, Espanha, 2011

Escritório: JÜRGEN MAYER H. ARCHITECTS. (Imagens: archdaily.com.br)

Características apreendidas:

- Caráter de mirante
- Permeabilidade visual e física
- Sobreposição de usos
- Uso de concreto, madeira e elementos vazados



RENOVAÇÃO CALÇADÃO CENTRAL DE TEL AVIV, Israel

Escritório: MAYSLITS KASSIF ARCHITECTS, 2018. (Imagens: archdaily.com.br)

Características apreendidas:

- Sobreposição de usos
 - Caráter de mirante
 - Permeabilidade visual/ física
 - Uso de concreto e madeira
-



PARQUE URBANO DA ORLA DO GUAÍBA, Porto Alegre, Brasil

Escritório: JAIME LERNER ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2018, área de 567.000 m². (Imagens: archdaily.com.br)

Características apreendidas:

- Sobreposição de usos
- Caráter de mirante
- Passarela sobre a água
- Permeabilidade visual/ física
- Contenção do terreno com uso de gabião



5 PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO SOL

5.1 Setorização do Terreno

Baseado no programa de necessidades e características do terreno, a setorização da Praça do Sol possui divisões e subdivisões, macro dividida em: Setor de lazer passivo; Setor de lazer ativo; Setor de serviço e Setor itinerante (hall de recepção do visitante)

Considerando a vizinhança das laterais sul e norte da praça, a amplitude de sua frente oeste voltada à via pública e a paisagem natural do entorno de fundo, leste. Definiu-se que:

- Os acessos diretos à praia se dariam ao longo das laterais norte e sul do terreno. Retângulos lineares azuis na figura 34.
- A porção sudoeste do terreno abriga o setor de lazer passivo reservados aos equipamentos de descanso e contemplação da paisagem e do entorno, incluindo o mirante sobre o setor sudeste. É o retângulo roxo tracejado na figura 34.
- A porção sudeste abriga o setor de serviço, reservada à implantação dos bares e espaço de apoio aos banhistas da orla.
- A porção norte seria reservada ao Setor de lazer ativo, subsidiando à prática esportiva e de recreação em dois níveis do terreno. É o retângulo vermelho tracejado na figura 34.
- A porção central abriga o Setor itinerante, que seria um pátio aberto de uso livre, com acesso e visibilidade a todo entorno e principalmente ao mar, é o *hall* de recepção do visitante. É o retângulo verde claro na figura 34.
- Por fim, todo perímetro leste seria passível à conexão da praça com a praia, ficando reservado à norte, uma rampa, com inclinação acessível à PNE, mas com dimensões que permitem a entrada, para carga e descarga, de carros guinchando veículos aquáticos. É a linha verde escuro na figura 34.



Figura 34: Mapa de setorização do terreno. Fonte: imagem capturada no aplicativo Google Earth Pro e manipulada pela autora.

5.2 Estudo Volumétrico

O terreno da Praça do Sol é área pública e desse modo, o Código de Postura de João Pessoa, determina no Art. 126, sob Permissão de Uso Onerosa, que a ocupação de área pública por barracas permanentes não pode ultrapassar 5% da área total da praça. No caso do terreno em estudo, com área de 4.784,90m², 5% corresponde a 239,73m². Esta é a área, com o volume de um pavimento, que pode ocupar a Praça do Sol.

Como a proposta desse estudo é intervir em espaço livre público, classificado como praça, a intenção é assegurar a vocação primária de manter-se aberto e livre de construções; mas também considerando a realidade de seu potencial de apoio ao uso balneário e turístico, portanto admitindo a necessidade de se incluir bares nesta área. Propôs-se uma volumetria que buscou minimizar a obstrução do espaço e manter a permeabilidade física e visual sobre a praça.

Esse estudo, primeiro buscou definir a localização do conjunto de bares sobre a praça, considerando que deveria se tratar de um conjunto único, para manter igualdade de oportunidades de vendas e frequentadores. Analisando a volumetria do entorno, decidiu-se por implantar os bares no sudeste da praça, devido entorno ser composto por edifícios de maior gabarito no entorno, produzindo um escalonamento visual nas bordas da praça.

Em seguida, optou-se por dispor as unidades linearmente ao lado uma da outra, para que tivessem igualdade de condições na prestação de serviço, mas também para espalhar o uso na praça e assim aumentar as possibilidades de conexão com diferentes setores.

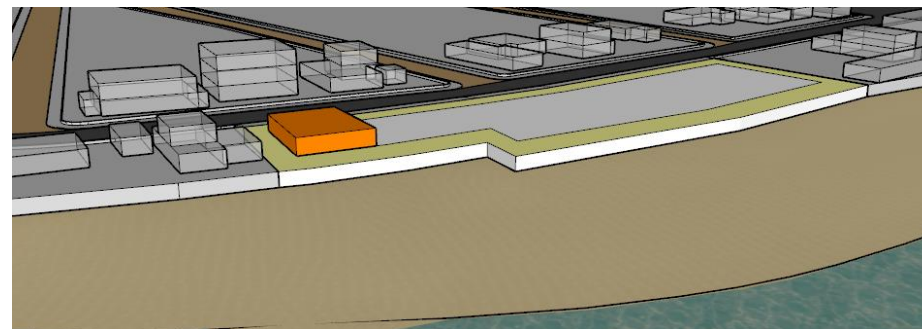


Figura 35: representação da área máxima passível de ocupação, respeitando os recuos do terreno. Fonte: Produzida pela autora.

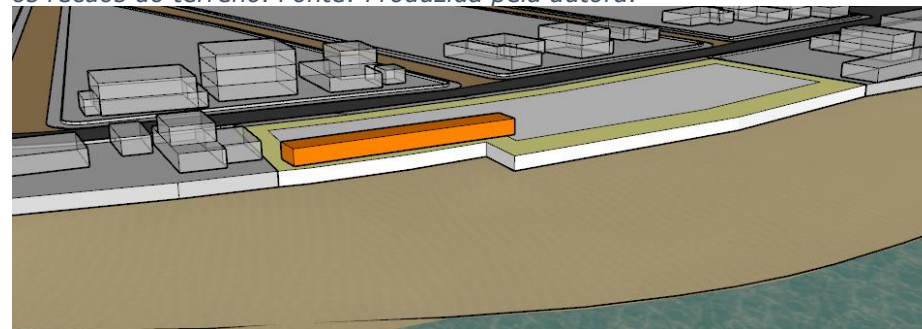


Figura 36: Distribuição linear da área de ocupação nas bordas do terreno. Fonte: Produzida pela autora.

Por fim, decidiu-se baixar a implantação dos bares para o semi subsolo e dessa forma, valer-se do Art. 185 do Código de Urbanismo de João Pessoa, que diz que "Não são computados para efeito de afastamento: I- áreas de construção no subsolo", ou devem afastar-se 2 metros do limite do terreno, quando pelo menos metade do seu

pé direito estiver abaixo do nível do terreno circundante. Essa flexibilização produz 2 ganhos de espaço: sobre os bares e ao longo da praça, pois ocupando o semi subsolo do terreno, o afastamento da implantação à praia, passa de 8 para 2 metros.

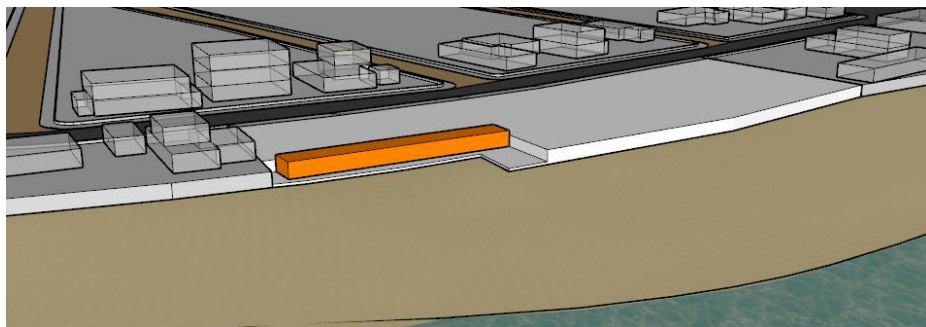


Figura 37: Volume de ocupação semi enterrado e ocupando parte do recuo permitido. Fonte: Produzida pela autora.

5.3 Apresentação da Proposta

NÍVEIS E ACESSOS DO PROJETO

O terreno da praça está a cerca de 5 metros acima do nível do mar, e a areia contígua ao limite do terreno está a cerca de 2,5 metros abaixo da praça. Estipulou-se o nível da calçada como o nível “zero” do projeto, nele se encontra parte do setor de repouso, parte do setor de recreação, todo o setor itinerante e o píer fixo. O único nível acima do zero, se eleva apenas 1,2 metros e corresponde ao teto dos bares, é a última parte do setor de repouso e mirante. Para chegar ao segundo nível do setor de recreação, desce 0,5 metros. Por último,

para chegar ao piso dos bares, desce 1,5 metros. Este nível está a cerca de 1 metro acima do nível da areia da praia, mas para intensificar a proteção desse nível, a barreira/contenção foi elevada em 0,5 metros, resultando em uma parede de proteção de 1,5 metros e gerando para a área dos bares, uma obstrução visual de apenas 0,5 metros de altura, facilmente utilizável como banco, esculpindo por dentro.

Portanto, o projeto possui 4 níveis diferentes, separados de acordo com o uso e/ou tipo de cobertura. Os níveis cobertos por areia, estão sempre abaixo do “zero” e situados à leste (encontrados no setor dos bares e segunda parte do setor de recreação), para que durante os ventos e chuva o nível superior à oeste sirva de barreira contra o espalhamento e possa conter a areia em seu lugar.

A elevada diferença de nível entre a praia e os níveis mais próximos dela na praça é proposital e motivada pelo alcance das ondas durante a movimentação das marés. A permeabilidade entre praça e praia foi pensada de modo a manter o maior desnível possível nas bordas do terreno, para que esse limite sirva de anteparo ao impacto das ondas.

É possível percorrer todos os níveis do projeto através de escadas e rampas. Todos os pisos dos degraus das escadas tem profundidade de 0,32 metros. A largura dos degraus varia entre 2m e 29m. Já as rampas tem largura variando entre 1,6m e 4m, quando permite a

passagem de veículos. Todas elas tem inclinação máxima de 0,83% e estão por terra ou suspensa sobre a água.



Figura 38: Vista norte do limite leste do terreno da praça em dia de maré baixa x maré alta. Fonte: registrada pela autora.



Figura 39: Vista sul do limite leste do terreno da praça em dia de maré baixa x maré alta. Fonte: registrada pela autora.

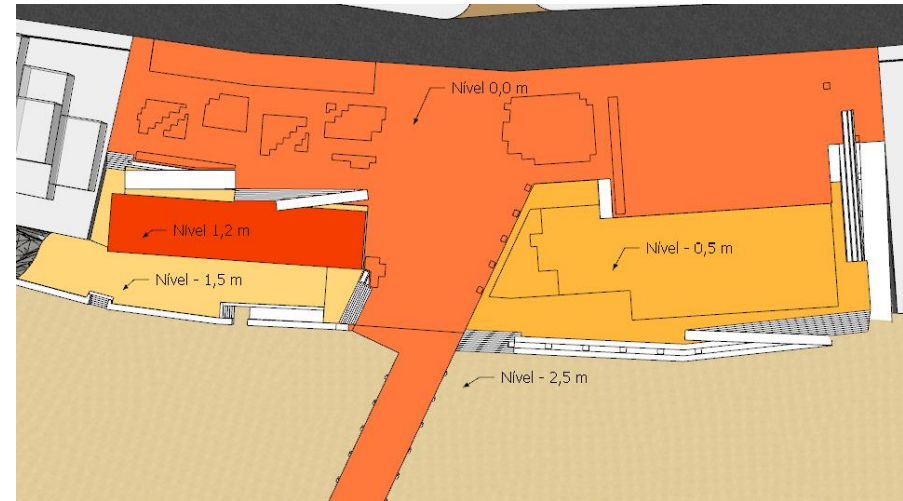


Figura 40: Vista superior da locação dos diferentes níveis do projeto. Fonte: produzida pela autora.

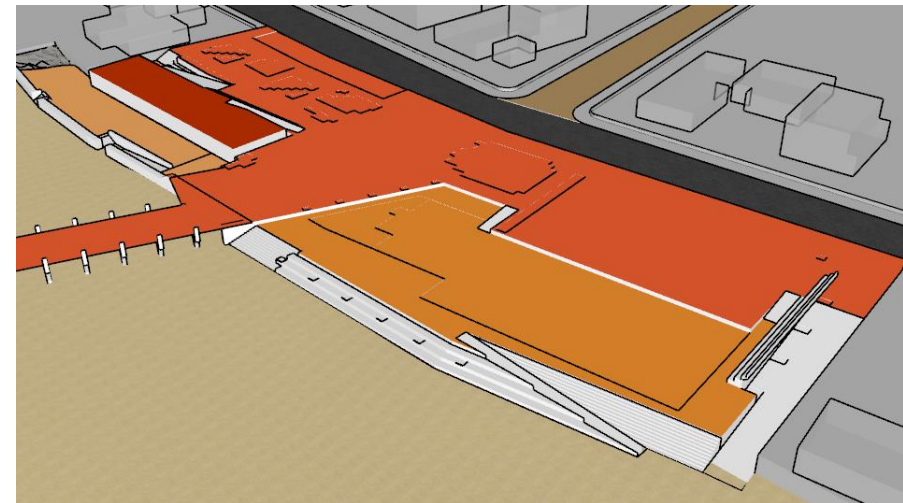


Figura 41: Perspectiva dos níveis do projeto. Fonte: produzida pela autora.



Figura 42: Vista superior da localização das rampas, escadas e arquibancadas do projeto. Fonte: produzida pela autora.

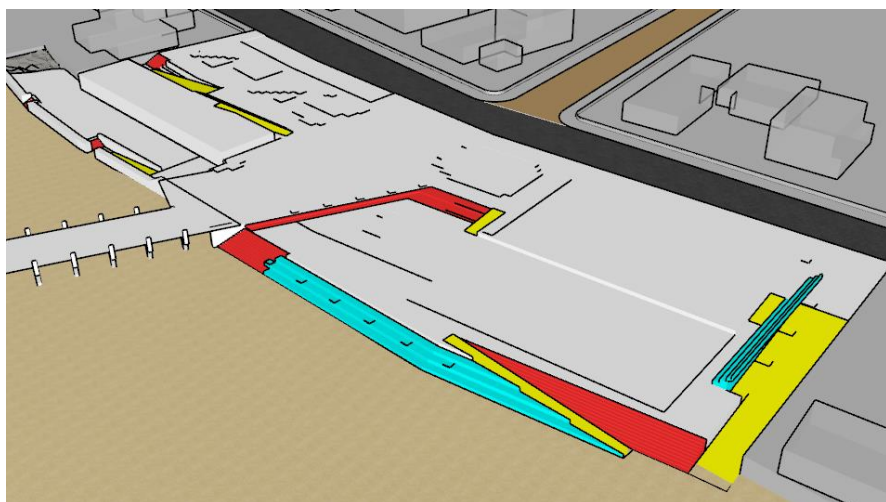


Figura 43: : Perspectiva das conexões entre os níveis do projeto. Fonte: produzida pela autora.

No exercício de cumprir a diretriz de acessibilidade entre os ambientes natural e construído, foi proposto para a Praça do Sol, a inclusão de um píer fixo, ao nível da praça (5m acima do nível do mar), junto a um píer flutuante que completa a conexão segura e confortável entre terra e mar, unidos por uma rampa articulada com inclinação máxima de 0,83%.

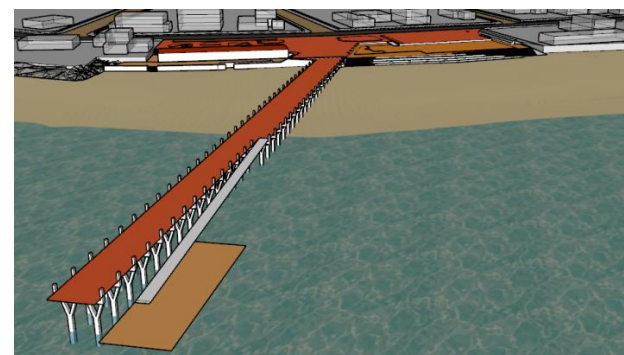


Figura 44: : Perspectiva dos níveis do projeto que alcançam o pier. Fonte: produzida pela autora.

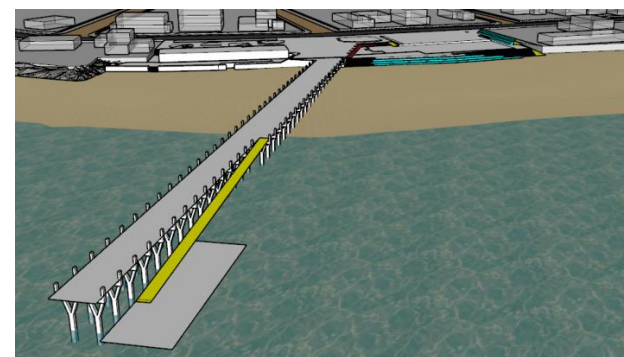


Figura 45: : Perspectiva da conexão entre os níveis do pier. Fonte: produzida pela autora.

LAYOUT

O projeto de intervenção, desenvolvido para a Praça do Sol, buscou oferecer condições mais amplas de uso e apropriação desse espaço, ordenando os usos sobre ela, oferecendo equipamentos de apoio à recreação, prática de esportes, descanso e apoio ao turismo, mas também permitindo e limitando a presença dos bares, num esforço de devolver a praça ao uso público comum.

A forma do layout resultante foi dirigido pela distribuição paralela de seus contornos e quebrado pela direção do píer que se estende à leste. Ele coroa o limite central da praça, como um convite a se aproximar do mar. Os usos distribuídos no layout conversam com os usos do entorno: quadras de esporte, parque infantil e acesso de veículos à praia (apenas carga e descarga de veículos e equipamentos aquáticos) na porção norte do terreno (Setor de Lazer Ativo), onde a praça é vizinha de um bar; jardins com mesas, bancos e pergolados à sul, assim como o mirante pontuado com espreguiçadeiras, onde a vizinha é uma residência familiar; empraçamento aberto, com píer, mural descritivo da área e totem representativo da importância do lugar, no centro, como um hall de recepção, de onde se pode ver todo entorno e que distribui o visitante à todas opções de lazer da praça. A sudeste fica um conjunto de 12 bares, todos voltados para praia e com um terraço de areia à frente e no mesmo nível, onde o cliente pode desfrutar do serviço sob proteção dos impactos das ondas, comuns na área.



Figura 46: Layout da requalificação da Praça do Sol.



Figura 47: Vistas da proposta em perspectivas Norte-Sul e Sul-Norte.

COBERTURA DO SOLO

O recobrimento do solo da praça foi pensado de modo a aumentar a porcentagem de cobertura natural conforme o ambiente urbano se aproxima do natural (praia). Para tal, todos os níveis do projeto possuem cobertura impermeável, semipermeável e permeável (natural). Em todas as superfícies planas revestidas, foi pensado o uso do concreto drenante, que por especificação técnica, é

considerado 100% permeável, mas esse projeto o classifica como semipermeável. O revestimento impermeável corresponde às calçadas junto a via, as rampas e as escadarias, todas constituídas de concreto. Por entre as superfícies planas dos 4 níveis há cobertura natural (permeável), constituída por grama, nos níveis "0" e acima dele; grama e/ou areia nos níveis abaixo do "0", para que os níveis superiores ajudem a conter o espalhamento natural da areia provocado pelas intempéries. Grama é a cobertura do teto verde dos bares e no nível "- 0,50m", ela tem 2 funções: equilíbrio térmico e conforto para brincadeira das crianças nos playground; e tapete para retirar o excesso de areia de quem sai do parque infantil.

VEGETAÇÃO

A vegetação no projeto é composta de: Grama em todos os jardins (onde se pode sentar); Plantas ornamentais de porte baixo com folhagem pontiaguda nas bordas de desníveis e percorrendo parede de cobogó (para induzir afastamento); Árvores em torno de mobiliário e equipamentos para produzir conforto térmico; Palmeiras frondosas (para sombrear arquibancada) nos limites dos níveis, conduzindo o caminho para a praia e; Coqueiros entre a areia dos bares e a contenção de pedra rolada do vizinho para harmonizar a paisagem.

A praça hoje possui 3 árvores. Observando o tempo de existência delas em imagens antigas e comparando com seu estado atual, 2 não parecem ter boa saúde e foram excluídas do projeto. Mas a última

dependendo da saúde comprovada, pode permanecer na praça; caso contrário, uma palmeira será implantada no canteiro próximo ao limite do mural/parede de contenção.



Figura 48: Praça com permanência da árvore existente.



Figura 49: praça com a exclusão da árvore existente, substituída por palmeira em canteiro

BARES

A definição da quantidade e tamanho dos bares implantados na praça, foi baseada:

- Na contagem remota das unidades existentes desde 2005, através da investigação de imagens pregressas usando o aplicativo Google Earth Pro, que mostrou que até 2018 só haviam 12 bares e depois disso, surgiram mais 2 quiosques;
- Na descoberta de uma matéria eletrônica de jornal que noticiava acordo firmado entre a prefeitura com a associação de bares da Ponta do Seixas, que à época se comprometia a contemplar os associados com a construção de 12 bares em futura reforma da praça;
- Nas legislações municipais: Código de Postura que determina a área máxima de ocupação permanente de bares/barracas em espaço livre público (5%); e no Código de Obras municipal que define a largura mínima de uma unidade de bar/lanchonete (2,8m).

Como resultado, o projeto prevê a inclusão de 12 unidades de bar, com dimensões internas de 2,80 x 4,90m, cujo layout inclui bancada de higienização, de preparo/montagem, área para fogão(es) de 6 bocas, 2 geladeiras, 1 freezer horizontal e/ou armário; Wc masculino com 2 mictório, 1 cabine sanitária acessível a PNE e bancada com 2 cubas; Wc feminino com 2 cabines sanitárias comuns e 1 PNE e bancada com 2 cubas; Área para clientes serem servidos na areia,

parte sob o sol, com sombreiros e parte sob pergolado ornado com madeira e cobogó.

Os bares na praça foram locados de maneira a manter-se contidos em espaço limitado, mas acessível por diversos caminhos. A opção de semi enterrá-los, condiz com a intenção de aproximá-los da praia e usar seu teto como mirante, sem provocar uma ruptura na permeabilidade física e visual da paisagem natural e dessa forma sobrepor o uso comercial com o de lazer urbano.

Esta edificação faz uso de elementos vazados como: delimitadores de espaço, protegendo o corredor de serviço dos bares, sem causar confinamento; mas também como filtro da luz solar, compondo os pergolados e também produzindo efeito ornamental.



Figura 50: Vista do transeunte que sobe ao mirante ou desce aos bares pelas rampas. A vista dos fundos dos bares é protegida pelos elementos vazados e o distanciamento desses elementos é imposto pelas plantas ornamentais com folhas pontiagudas a seus pés.

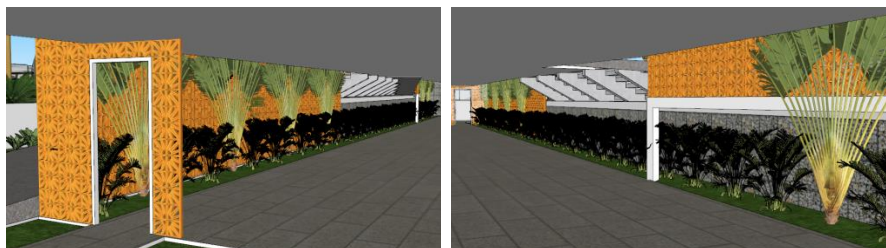


Figura 51: Corredor de serviço dos bares , em vista interna, cercado por cobogó e palmeiras de folhas espalmadas completam a privacidade do espaço.

MOBILIÁRIO / EQUIPAMENTOS

O mobiliário previsto para a praça são: bancos, mesas e espreguiçadeiras com estrutura em concreto armado e/ou metal, base de gabião e tampo/revestimento de madeira; pergolado em madeira (estrutura roliça e pérgolas em ripas retangulares); chuveiro público no topo da escadaria do setor de lazer ativo, voltado para a quadra de areia; bicicletário por trás das arquibancadas das quadras; playground infantil em estrutura de madeira e que induzam atividade física intensa (subir, descer, pendurar).

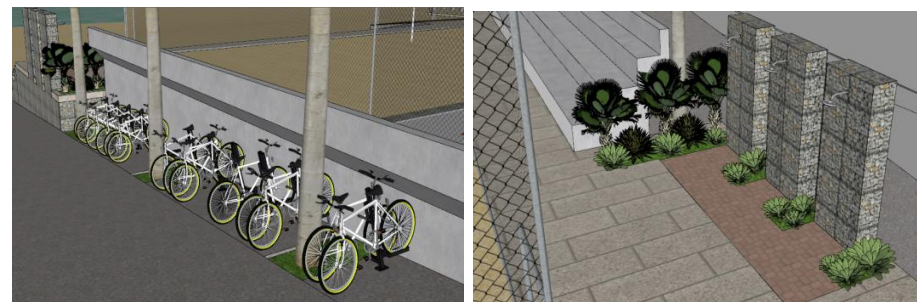


Figura 52: Bicicletário por trás das arquibancadas das quadras, nas bordas da rampa acessível à PNE e ao traslado de veículos aquáticos e chuveiros públicos no topo da escadaria de acesso à praia.



Figura 53: Parque infantil cercado por pergolados para acompanhamento dos pais, do lado das quadras de esporte e espaço de calistenia, mas 50cm a baixo no nível zero, recoberto de areia ou grama, ficando a areia a oeste, contida pelos degraus e patamares com gram

Os equipamentos previstos para a praça são: quadra poliesportiva (dimensões de 33 x 21m); quadra de areia com dimensões de handbol de areia (33 x 16,5m); aparelhos de calistenia estruturados em postes de madeira;



Figura 54: Aparinhos de calistenia no setor esporte-recreativo superior
SISTEMA DE CONTENÇÃO

O sistema de contenção escolhido para proteger o terreno da praça do impacto das ondas foi o de gabião de caixa. Sistema que consiste em fôrmas de telas metálicas moldadas em formato de caixa (quadradas ou retangulares) recheadas com pedras resistentes. Exteriormente tem um visual rústico mas bastante ornamental e por dentro recebe camadas de mantas impermeabilizantes e drenos condutores, para manter o terreno contido.

Este projeto tomou partido da identidade visual do elemento deixando-o desnudo em suas faces externas e por vezes, produzindo extensões puramente ornamentais ou servindo de bases para mobiliário. Nos degraus voltados à praia, assim como nos patamares de arquibancada, o gabião forma uma contenção escalonada em níveis de 50cm. Quando em escada, os entre níveis ganham mais 2

degraus de concreto, enquanto a sobra exposta do piso de gabião é revestida de madeira. Já, quando o gabião está sob as arquibancadas, seu topo é recoberto por tábuas de madeira para que os visitantes tenham onde se recostar e observar o mar e aproveitar o sol.



Figura 55: Gabião em caixa com alturas escalonadas, cobertos de madeira nas arquibancadas ou acrecidas de degraus de concreto na escadaria.



Figura 56: O gabião sobe como contenção e se prolonga para receber um chuveiro e proteger dos respingo, quem passa na rampa.

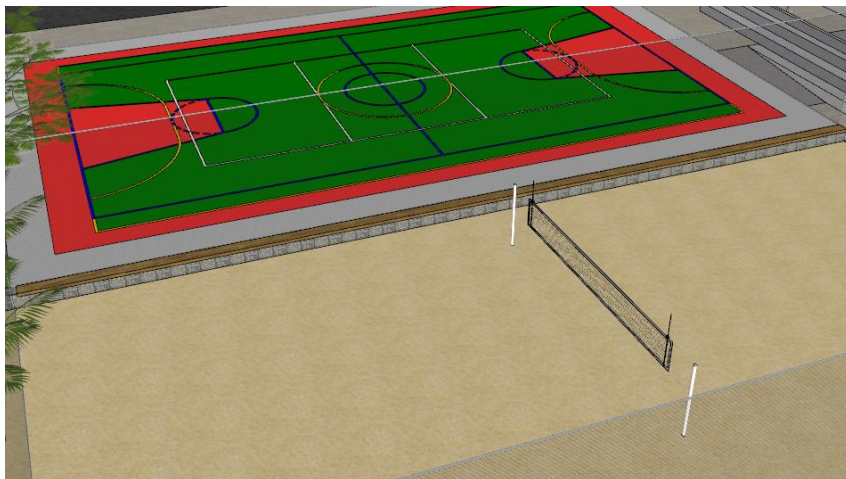


Figura 57: Na quadra de areia, o gabião que faz a contenção do solo sob a quadra poliesportiva, recebe uma cobertura de madeira e se transforma em um longo banco entre as quadras.

Caso de aproveitamento da estrutura para tomar função ornamental é o prolongamento da estrutura de contenção do terreno para exercer a função de mural, ornado por elementos vazados que, por sua vez filtram a visibilidade da área de serviço dos bares (fundos). Neste mural será representada a importância dessa praça e a localização dela em relação aos principais pontos turísticos em sua volta.



Figura 58: Vista interna da contenção por gabião dos fundos dos bares.

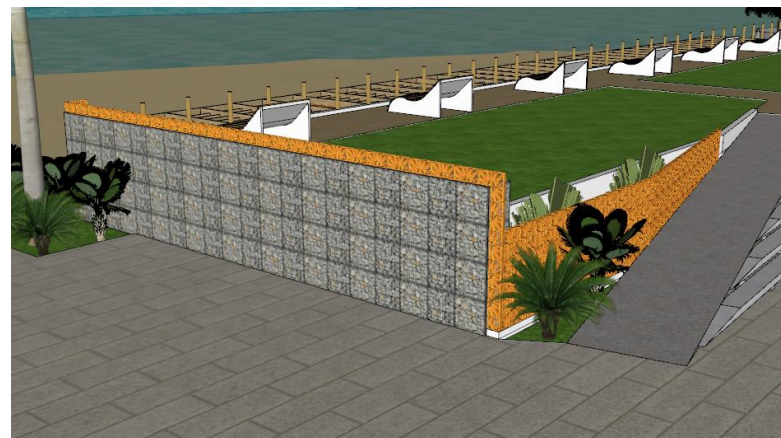


Figura 59: Vista externa do prolongamento do gabião com função ornamental.

Nos bares, o gabião que se eleva à 1,5m, entre a praia e o terraço de areia do bares, se divide, coberto por tábuas de madeira, para também formar um longo banco e encosto.



Figura 60: gabião convertido em banco na área de mesas dos bares



Figura 61: Perspectiva da área de mesa dos bares.

Coroando o urbanismo da Praça do Sol, foi proposta a locação de uma escultura representativa do ponto mais oriental das Américas, na borda leste do setor itinerante, no encontro entre a praça e o píer, recepcionando todo visitante que chegar por terra ou mar. O totem criado pela autora do projeto, destaca o perfil oriental do continente americano sendo tocado por um raio solar em seu ponto mais extremo, que seria justamente a Praça do Sol.



Figura 62: Totem escultural representando o ponto mais oriental das Américas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de leitura morfológica, fisiológica e sociológica a que a Praça do Sol está inserida, somados ao estudo do contexto em que é definida (praça), da observação da realidade que lhe foi imposta (depósito e estacionamento) e da apreensão de seu potencial natural (balneário marinho e turístico) foram fundamentais para uma proposição segura de reordenamento deste espaço; com indicação de novos usos, apoio a atividades de entorno e disciplinamento de usos consagrados.

Foi de fundamental importância reconhecer que esta praça, apesar de urbana, possui estreita relação e forte influência com a praia e o banhista. Assim como foi primordial respeitar a influência da atividade dos bares nesta praia e neste local que está diante das turísticas piscinas naturais do Seixas e do geográfico ponto mais oriental das Américas.

O projeto de requalificação urbana da Praça do Sol buscou produzir “hospitalidade urbana”, ou seja, oferecer ao visitante condições

legíveis, confortáveis, prazerosas e seguras de permanecer em espaço aberto e praticar atividades sociais. Mas, com a pretensão de produzir condições urbanas que devolvam o mérito legítimo desta praça em ostentar o título de “Ponto mais oriental das Américas”

Haja vista que o turismo de João Pessoa vende visitas urbanas e à paisagens naturais, com rotas que muitas vezes se inicia nas praias e terminam no “Pôr do Sol do Jacaré”. A Praça do Sol está diante de piscinas naturais de recifes de corais, é vizinha de escolinhas de esportes aquáticos e possui o primeiro nascer do sol de todos os dias do ano, logo tem potencial de ser incluída ao roteiro turístico do litoral do Estado. Dar a esta praça condições de fazer parte deste roteiro seria um ganho social e municipal.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação – Referências – Elaboração**. Rio de Janeiro. 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação**. Rio de Janeiro. 2002.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento. **Código de Obras**. João Pessoa, PB, 2001.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento. **Código de Posturas**. João Pessoa, PB, 1995.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento. **Código de Urbanismo**. João Pessoa, PB, 2001.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento. Diretoria de Geoprocessamento e Cadastro Urbano. Mapa de João Pessoa: Praças. João Pessoa, PB.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento. Diretoria de Geoprocessamento e Cadastro Urbano. **Mapa de Bairros: 48-Bairro da Ponta do Seixas**. João Pessoa, PB.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento. Diretoria de Geoprocessamento. **Mapa de Zoneamento**. João Pessoa, PB, 2012.

MELO, Marceu de. **Falésia – Revisão Bibliográfica e Ocorrência no Estado do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil**. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/332720494_FALESIAS_-](https://www.researchgate.net/publication/332720494_FALESIAS_-_REVISAO_BIBLIOGRAFICA_E_OCORRENCIA_NO_ESTADO_DO_RIO_GRANDE_DO_NORTE_NORDESTE_DO_BRASIL)
_REVISAO_BIBLIOGRAFICA_E_OCORRENCIA_NO_ESTADO_DO_RIO
_GRANDE_DO_NORTE_NORDESTE_DO_BRASIL>. Acesso em: 01
abril 2020, 17:16

ROCHA, Aristotelina P. B.; DANTAS, Eugênia M.; MORAIS, Ione R. D.; OLIVEIRA, Márcia S. de. **Geografia do Nordeste**. 2ª edição. Natal: EDUFRN, 2011. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.sedis.ufrn.br/pdf/geografia/Geo_Nord_LIVRO_WEB.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020, 07:50.

BARBOSA, Tamires S.; BARBOSA, Maria E. F.. **Aspectos geomorfológicos e mapeamento das unidades de relevo do município de João Pessoa, PB**. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 20, 2016, n. 1, p. 143-155. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index/search/search?query=&searchJournal=30&title=Aspectos+geomorfol%C3%B3gicos+e+mapeamento+>

das+unidades+de+relevo+do+munic%C3%ADpio+de+Jo%C3%A3o+Pessoa%2C+PB&authors=&abstract=&galleyFullText=&suppFiles=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateFromYear=&dateToMonth=&dateToDay=&dateToYear=&dateToHour=23&dateToMinute=59&dateToSecond=59&discipline=&subject=&type=&coverage=&indexTerms= >. Acesso em: 11 out. 2020, 05:30.

NÓBREGA JÚNIOR, Joabson Santos. **A Problemática do Processo Erosivo da Falésia do Cabo Branco – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Engenharia Civil e Ambiental), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016. Disponível em <<http://ct.ufpb.br/ccec/contents/documentos/tccs/2015.2/a-problematika-do-processo-erosivo-da-falesia-do-cabo-branco-pb.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2020, 11:25.

NEVES, Silvana Moreira; DOMINGUEZ, José Maria Lnadim; BITTENCOURT, Abílio Carlos da Silva P. **Paraíba**. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_sigercom/_arquivos/pb_erosao.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020, 12:15.

LIMA, Aryane. Renovação, Revitalização ou Requalificação Urbana?. **PROJETO BATENTE**. Disponível em: <<https://projetobatente.com.br/renovacao-revitalizacao-ou-requalificacao-urbana/>>. Acesso em: 07 out. 2020, 12:21.

MONTANER, Josep Maria; DIAS, Marina Simone. Direito ao espaço público. **Vitruvius**, 203.02 espaço público ano 17, abr. 2017.

Arquitextos. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.203/6517>>. Acesso em: 14 out. 2020.

DENARDIN, Vanessa Cibebe Cauzzo. SILVA, Adriana Pisoni da. **Praças Urbanas como Espaços para Turismo e Lazer: Um Estudo Preliminar na Praça General Osório na Cidade de Santa Maria/RS**. II Encontro Semintur Jr. Mestrado em Turismo. Universidade de Caxias do Sul. 12 nov. 2011.

AMARAL JUNIOR, José Bento. **O Turismo na Periferia do Capitalismo: a revelação de um cartão postal**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://br.123dok.com/document/zkwrmmnz-turismo-periferia-capitalismo-revelacao-cartao-doutorado-ciencias-sociais.html#pdf-content>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar. **A Dimensão Espacial nas Políticas Públicas Brasileiras de Turismo: As possibilidades das redes regionais de turismo**. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/274083616_A_DIMENSAO_ESPACIAL_NAS_POLITICAS_PUBLICAS_BRASILEIRAS_DE_TURISMO_AS_POSSIBILIDADES_DAS_REDES_REGIONAIS_DE_TURISMO>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego. **Paquetá: os primórdios do Rio de Janeiro como balneário**. Artigo de Pesquisa. Pontifícia Universidade católica de Campinas. Oculum Ensaios, vol. 15, núm. 2, 2018. Disponível em: <
<https://www.redalyc.org/jatsRepo/3517/351756239007/html/index.html>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

APÊNDICES

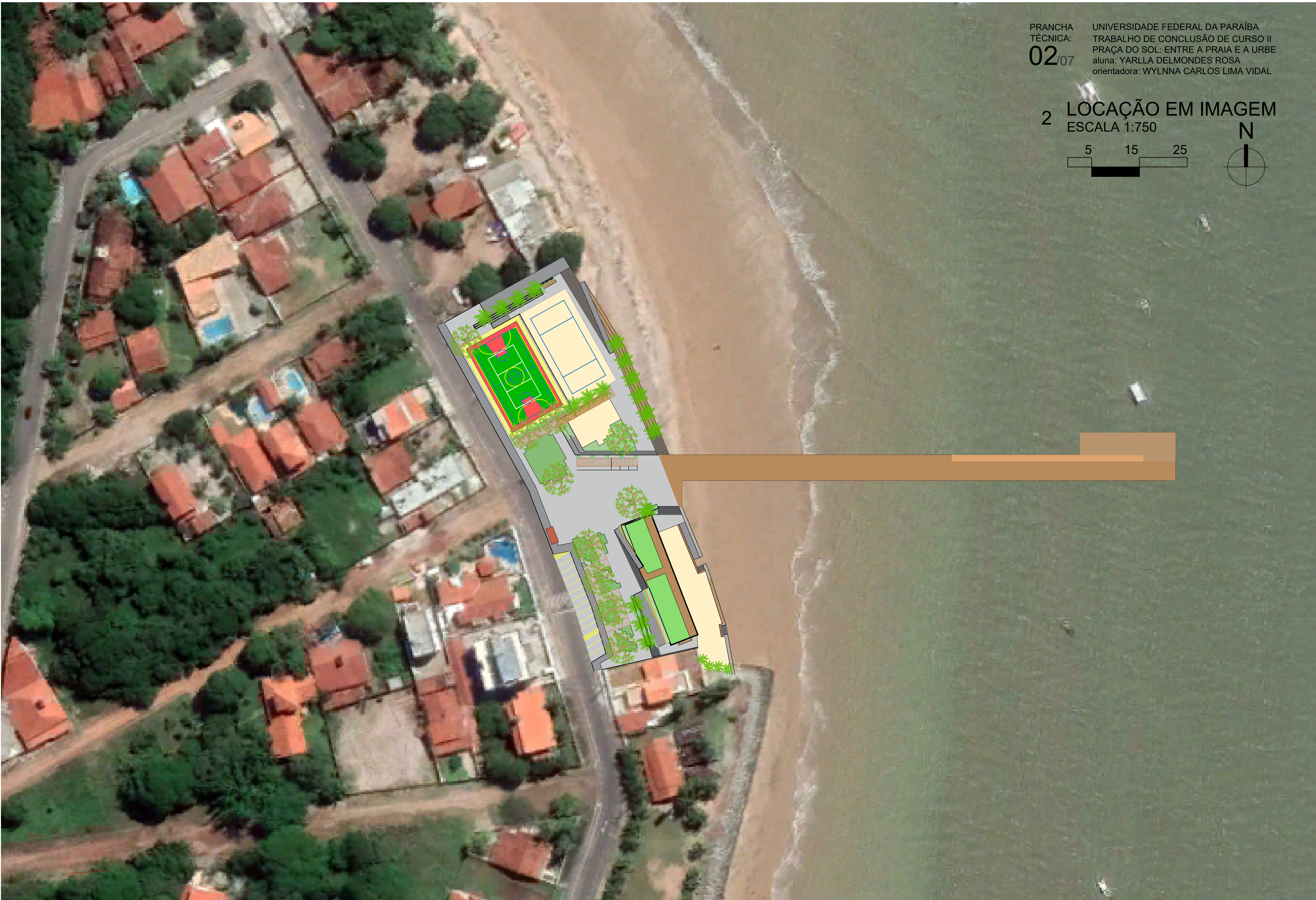


2

LOCAÇÃO EM IMAGEM
ESCALA 1:750

51525

N

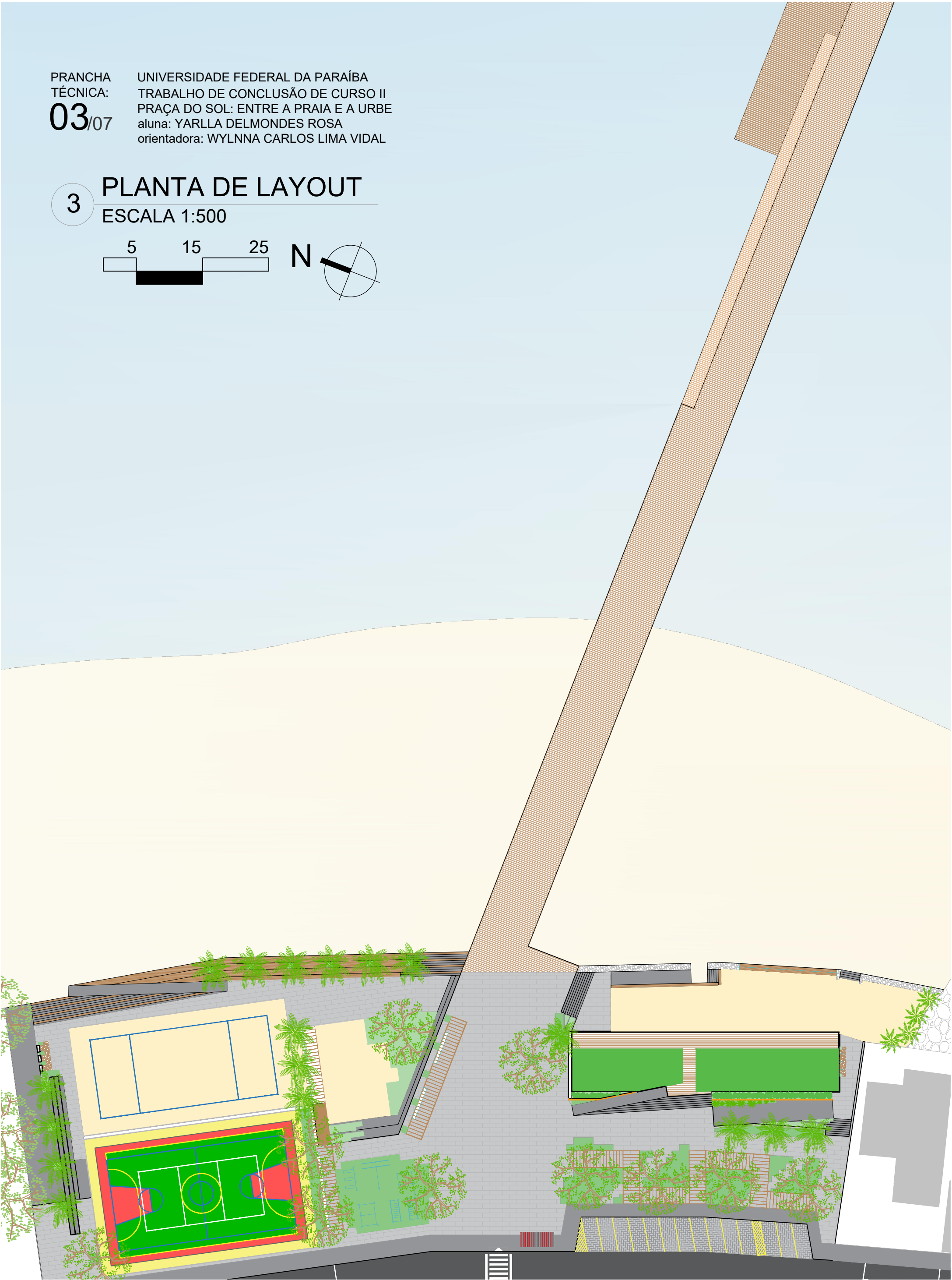
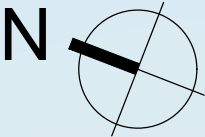
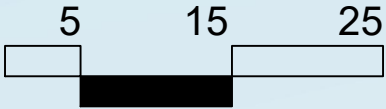


PRANCHA
TÉCNICA:

03/07

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE
aluna: YARLLA DELMONDES ROSA
orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

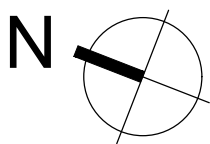
3 PLANTA DE LAYOUT
ESCALA 1:500



04/07

orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

ESCALA 1:500



Repres. Descrição

■ Nível + 1 20m

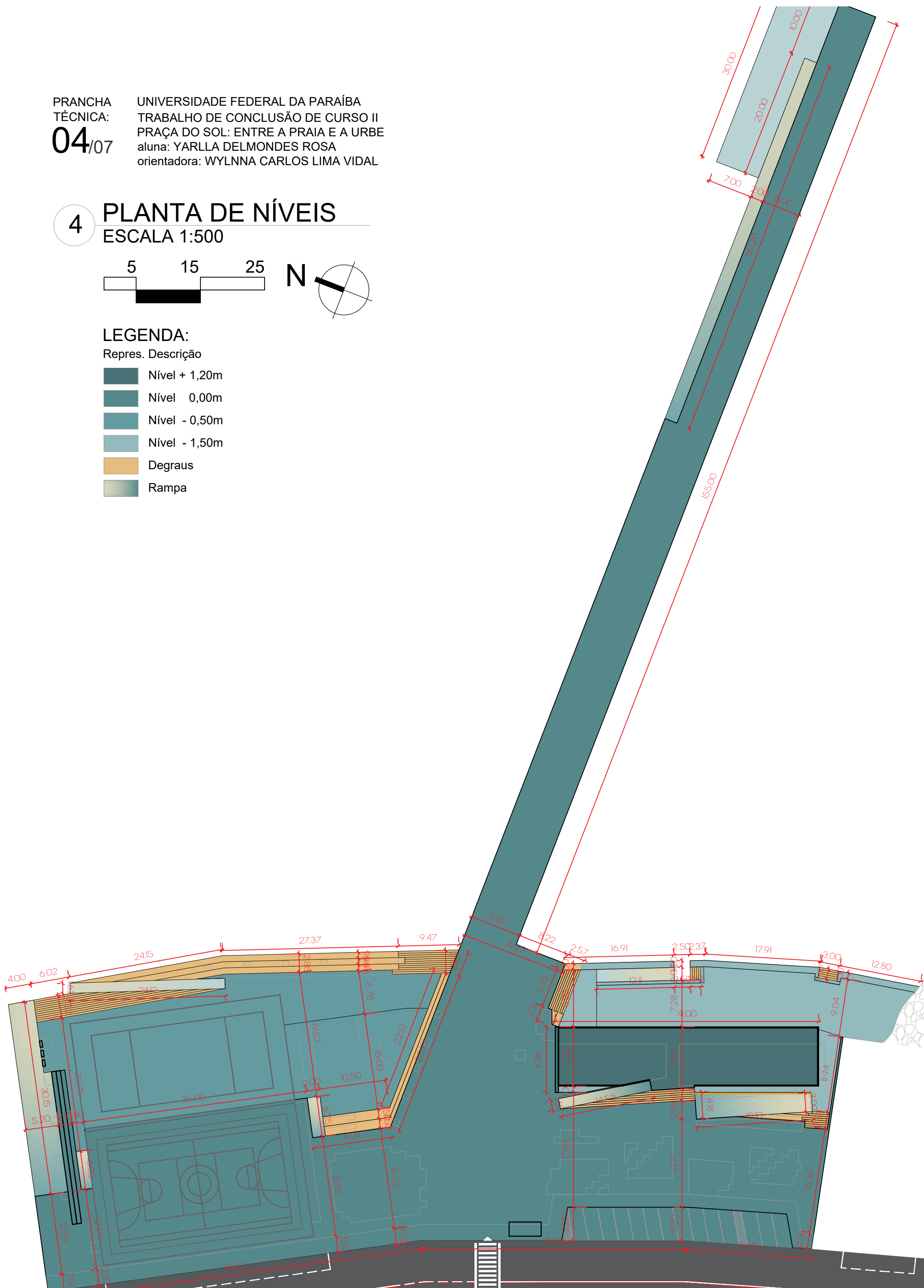
Nível - 0.50m

Nível - 1.50m

 Degraus

Rampan

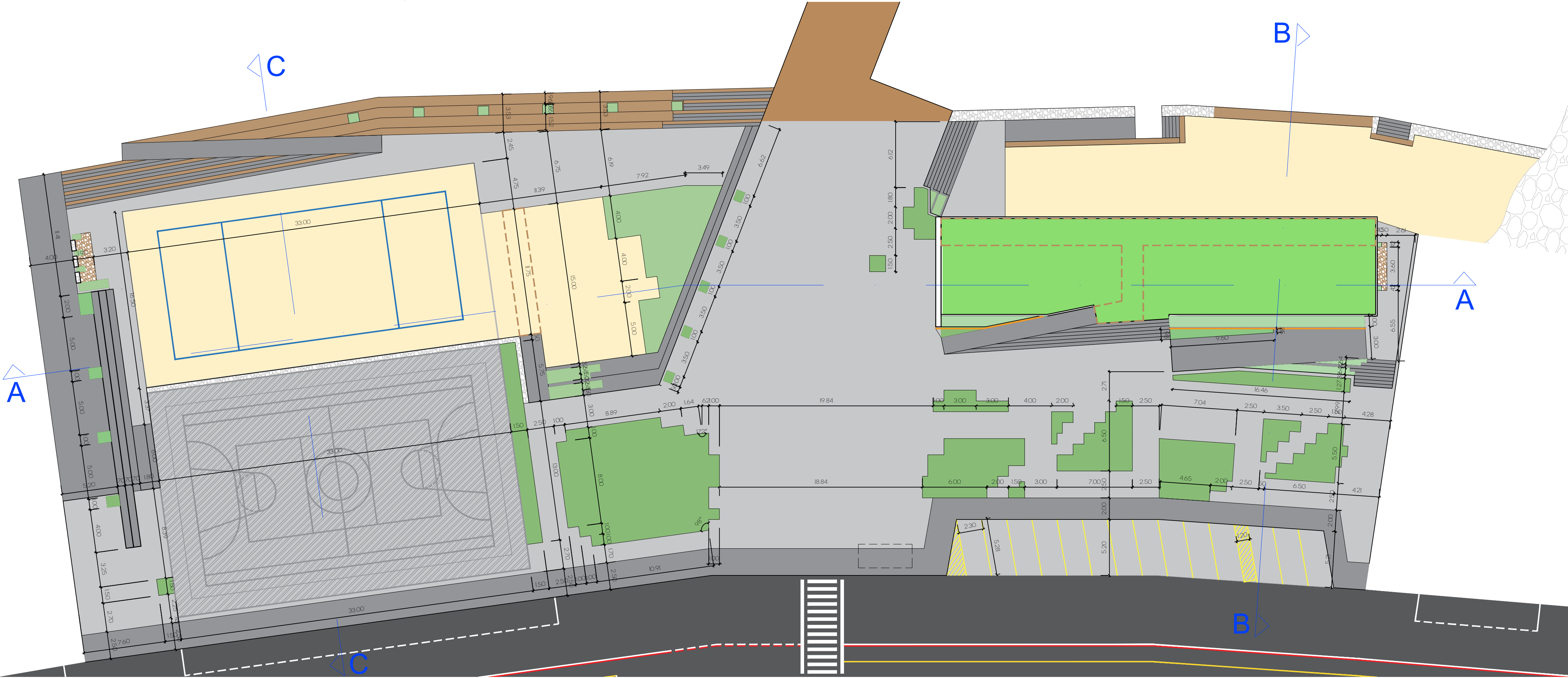
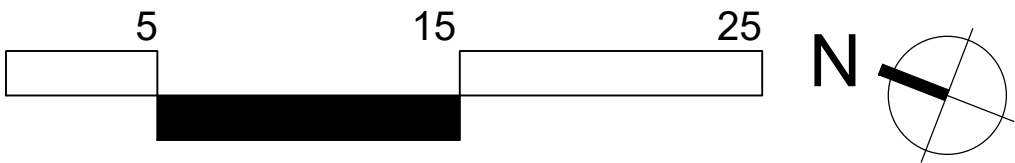
Age Group	Percentage
18-24	10%
25-34	15%
35-44	20%
45-54	25%
55-64	20%
65-74	15%
75-84	10%
85+	5%



5

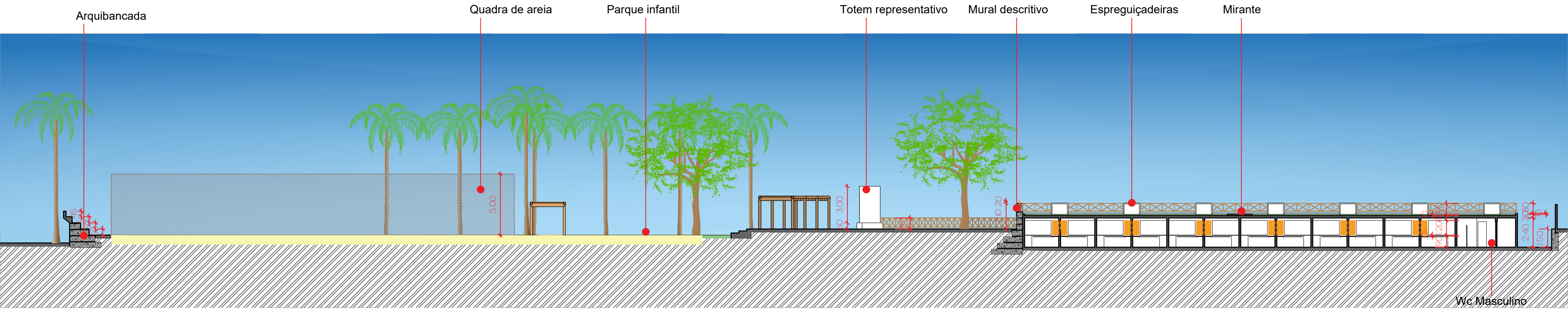
PLANTA DE COBERTURA DO SOLO

ESCALA 1:250

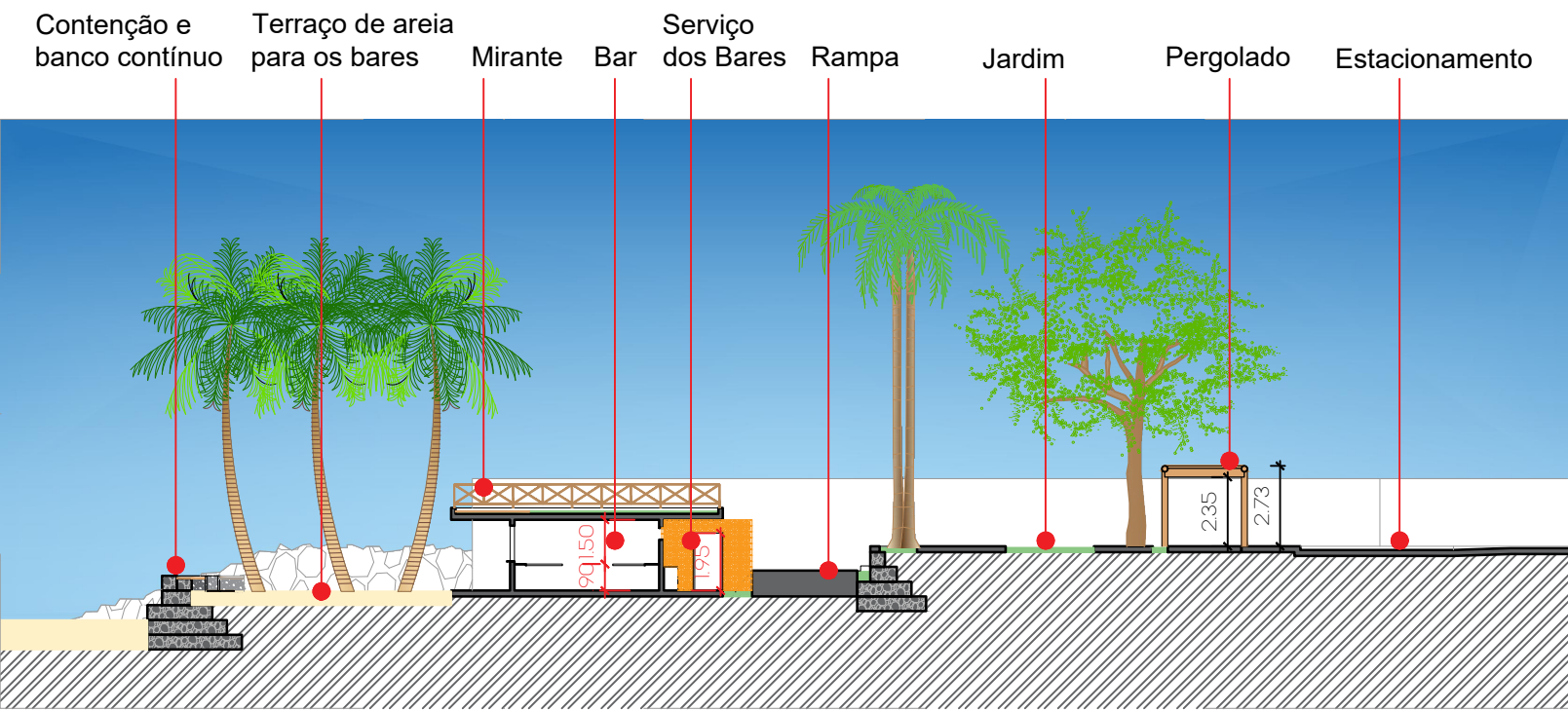
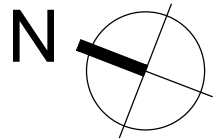
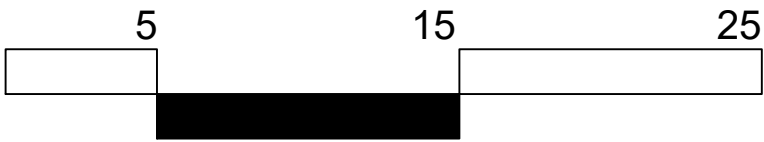


LEGENDA:

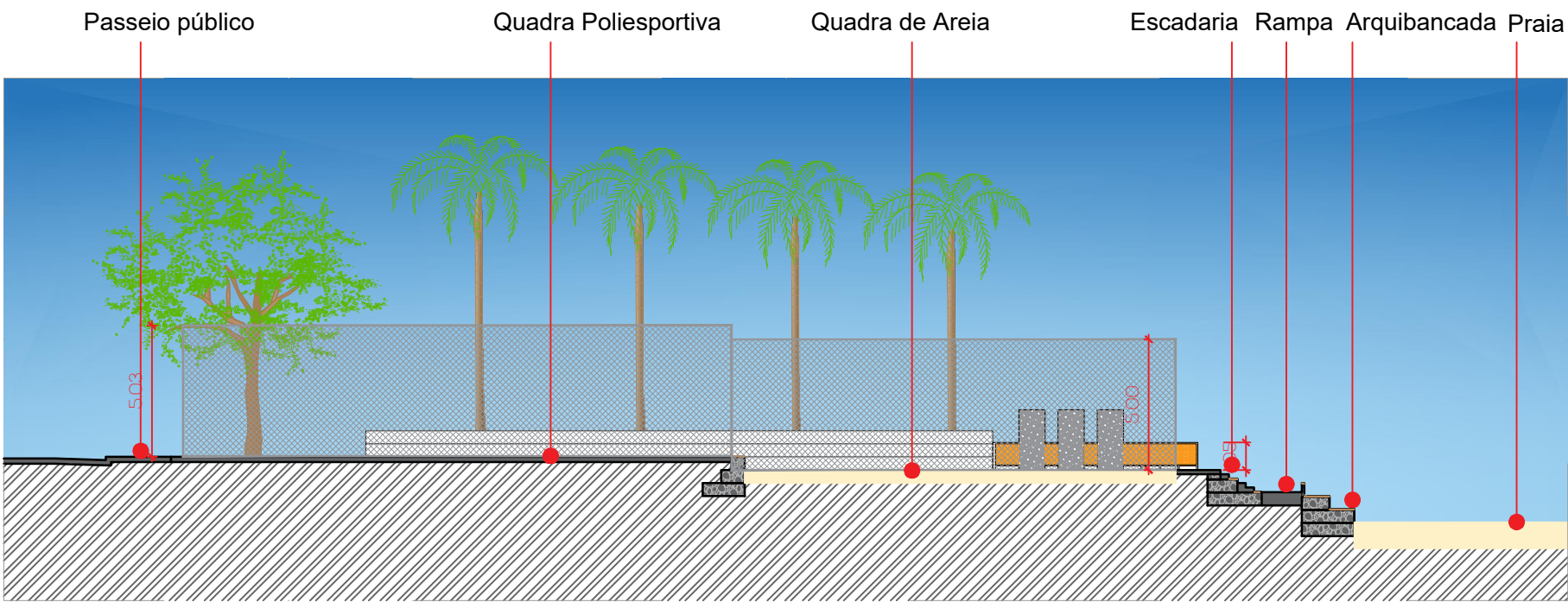
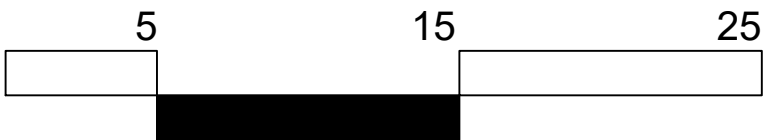
Repres.	Descrição
	Madeira área externa
	Areia
	Concreto drenante (permeável)
	Piso esportivo
	Gramma
	Concreto impermeável
	Gabião de caixa
	Projeção de Deck de madeira
	Intertravado drenante



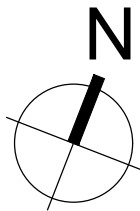
6 CORTE LONGITUDINAL AA
ESCALA 1:250



7 CORTE TRANSVERSAL BB
ESCALA 1:250



8 CORTE TRANSVERSAL CC
ESCALA 1:250

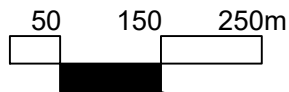


1

MAPA DO TRAÇADO VIÁRIO






ESCALA 1: 7.500

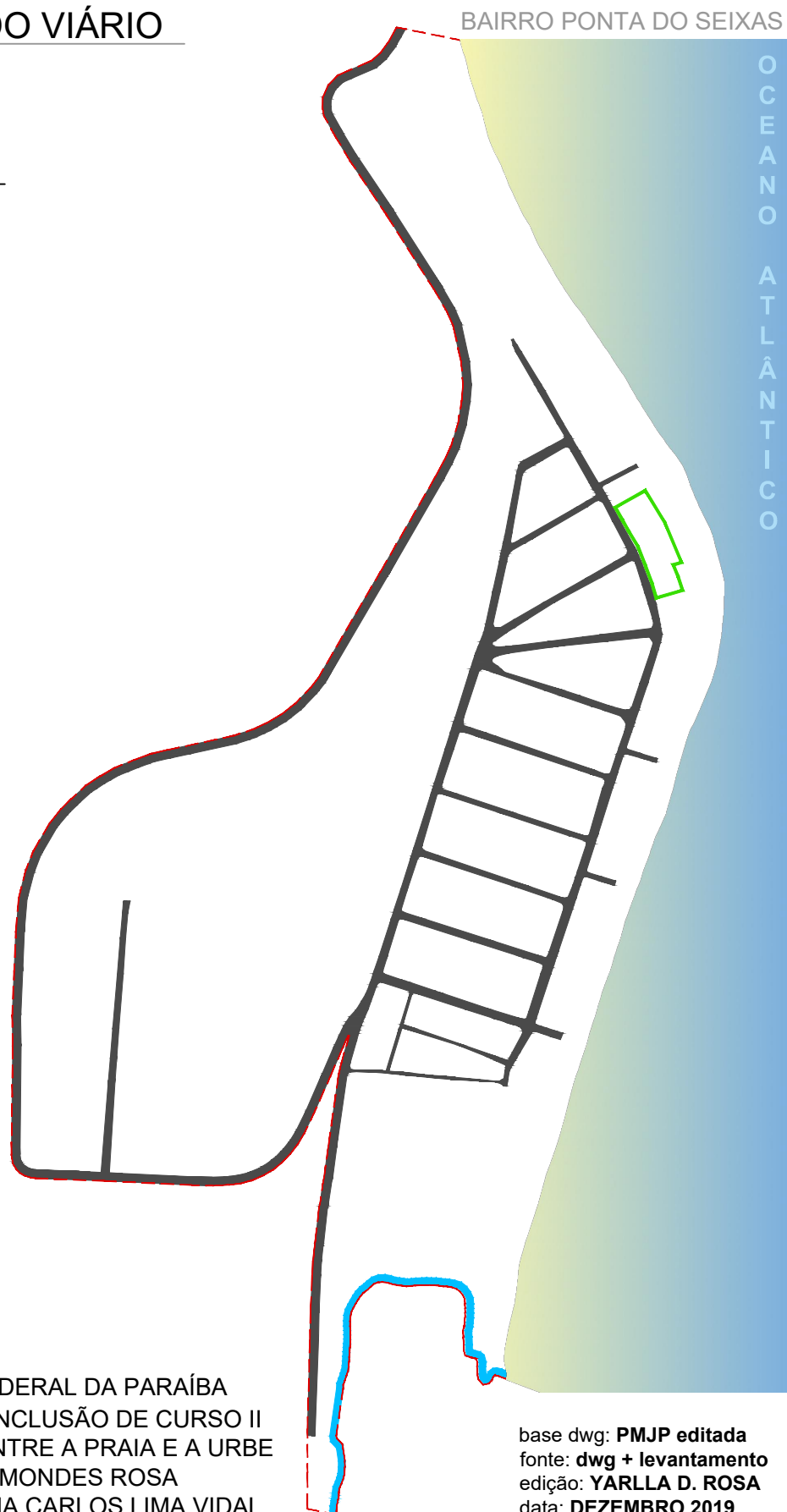
ESCALA GRÁFICA:



LEGENDA:

Repres. Descrição

-  Vias
-  Oceano Atlântico
-  Praça
-  Rio Cabelo
-  Limites do bairro



PRANCHA DE
MORFOLOGIA
URBANA:

01/07

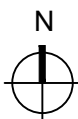
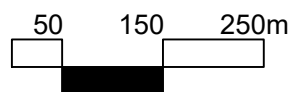
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE
aluna: YARLLA DELMONDES ROSA
orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

base dwg: **PMJP** editada
fonte: **dwg + levantamento**
edição: **YARLLA D. ROSA**
data: **DEZEMBRO 2019**

MAPA DE ESPAÇO PÚBLICO X PRIVADO

ESCALA 1: 7.500

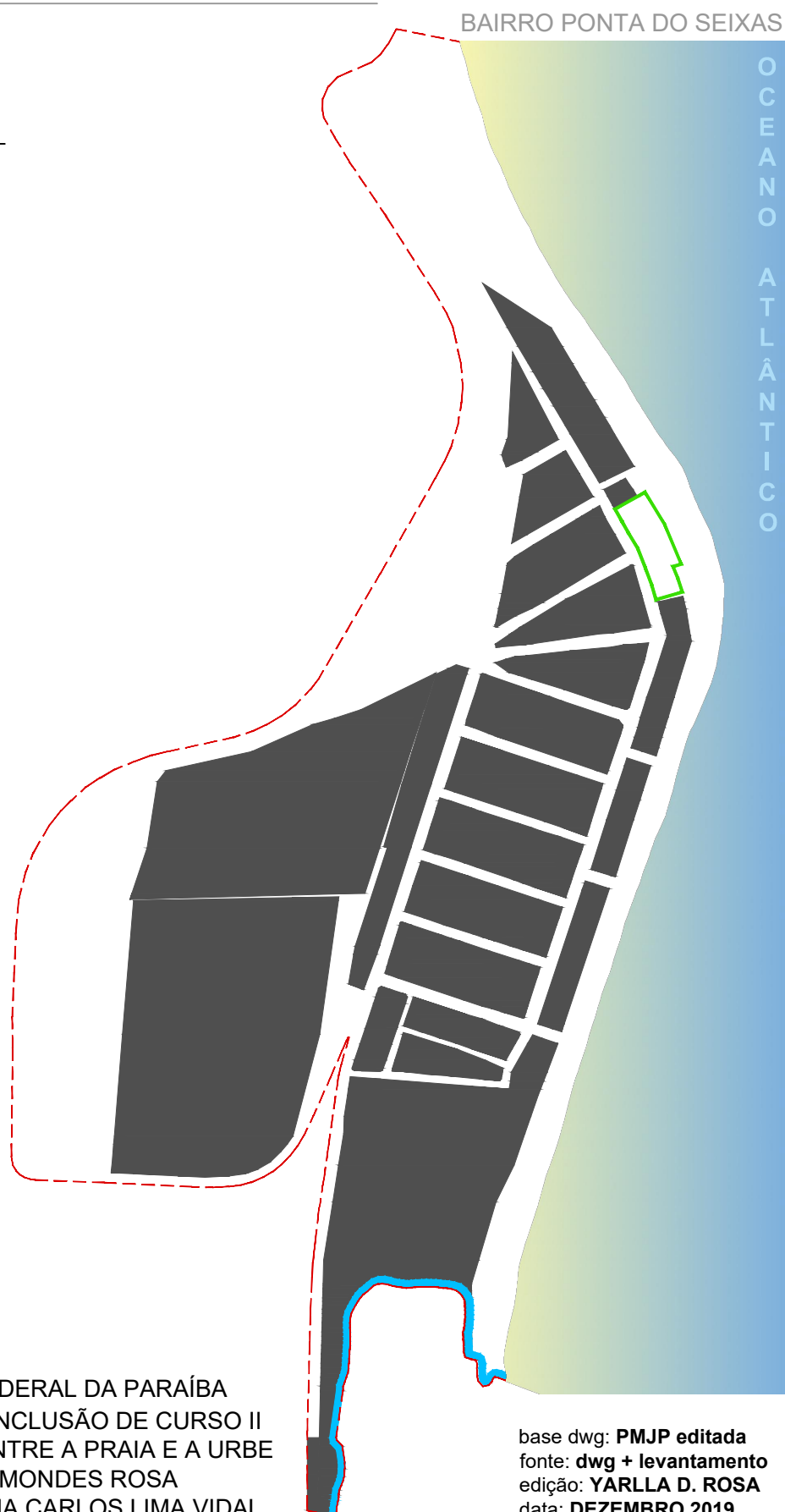
ESCALA GRÁFICA:



LEGENDA:

Repres. Descrição

- Privado
- Público
- Oceano Atlântico
- Praça
- Rio Cabelo
- Limites do bairro



PRANCHA DE
MORFOLOGIA
URBANA:

02/07

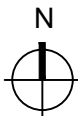
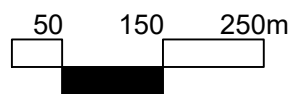
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE
aluna: YARLLA DELMONDES ROSA
orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

base dwg: **PMJP** editada
fonte: **dwg + levantamento**
edição: **YARLLA D. ROSA**
data: **DEZEMBRO 2019**

MAPA DE CONSTRUÍDO X NÃO CONSTRUÍDO

ESCALA 1: 7.500

ESCALA GRÁFICA:



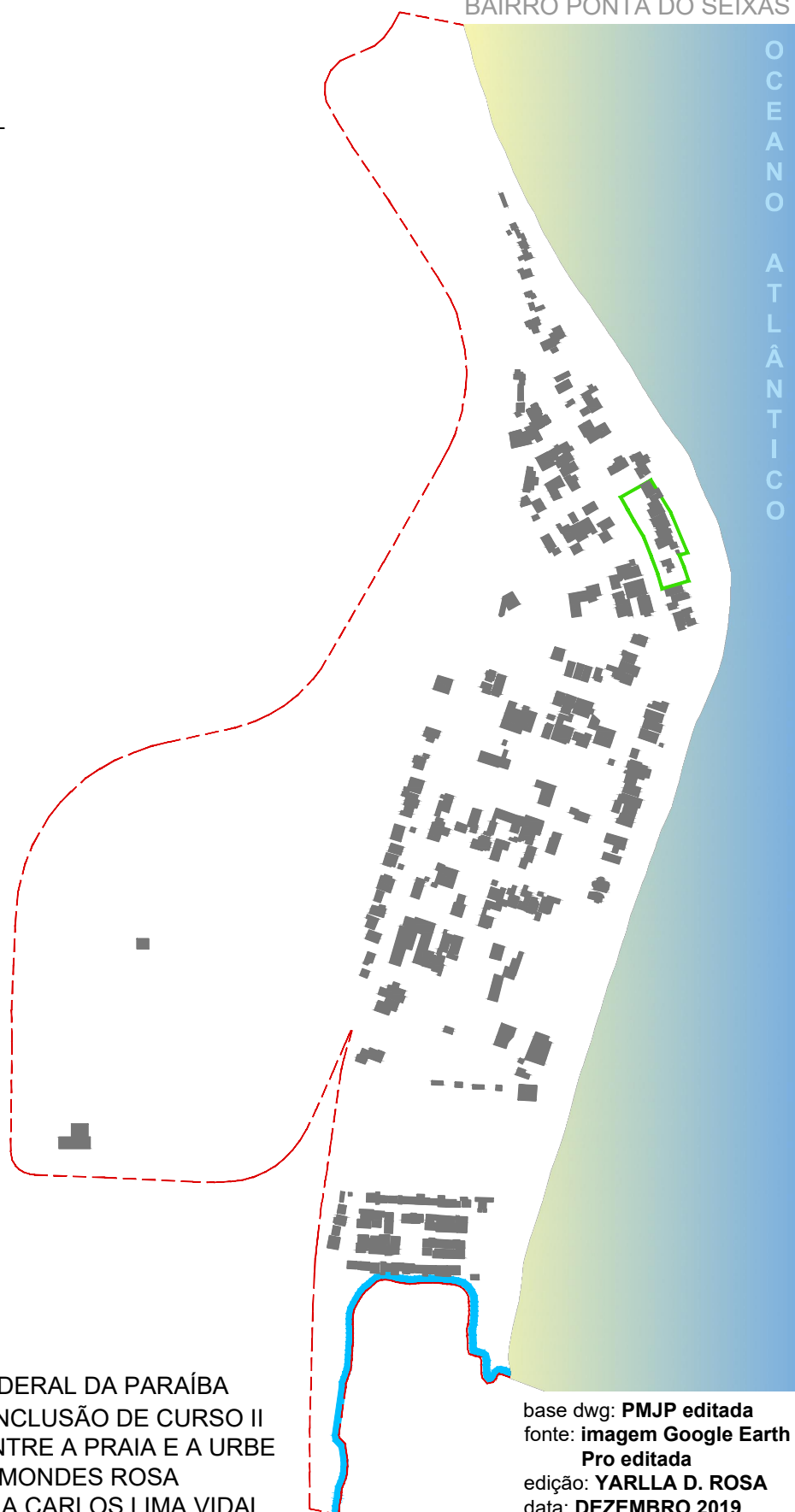
LEGENDA:

Repres. Descrição

- Construído
- Não Construído
- Oceano Atlântico
- Praça
- Rio Cabelo
- Limites do bairro

BAIRRO PONTA DO SEIXAS

OCEANO ATLÂNTICO



PRANCHA DE
MORFOLOGIA
URBANA:

03/07

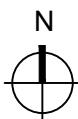
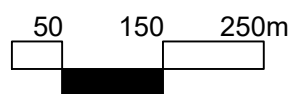
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE
aluna: YARLLA DELMONDES ROSA
orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

base dwg: PMJP editada
fonte: imagem Google Earth
Pro editada
edição: YARLLA D. ROSA
data: DEZEMBRO 2019

MAPA DE USO E OCUPAÇÃO

ESCALA 1: 7.500

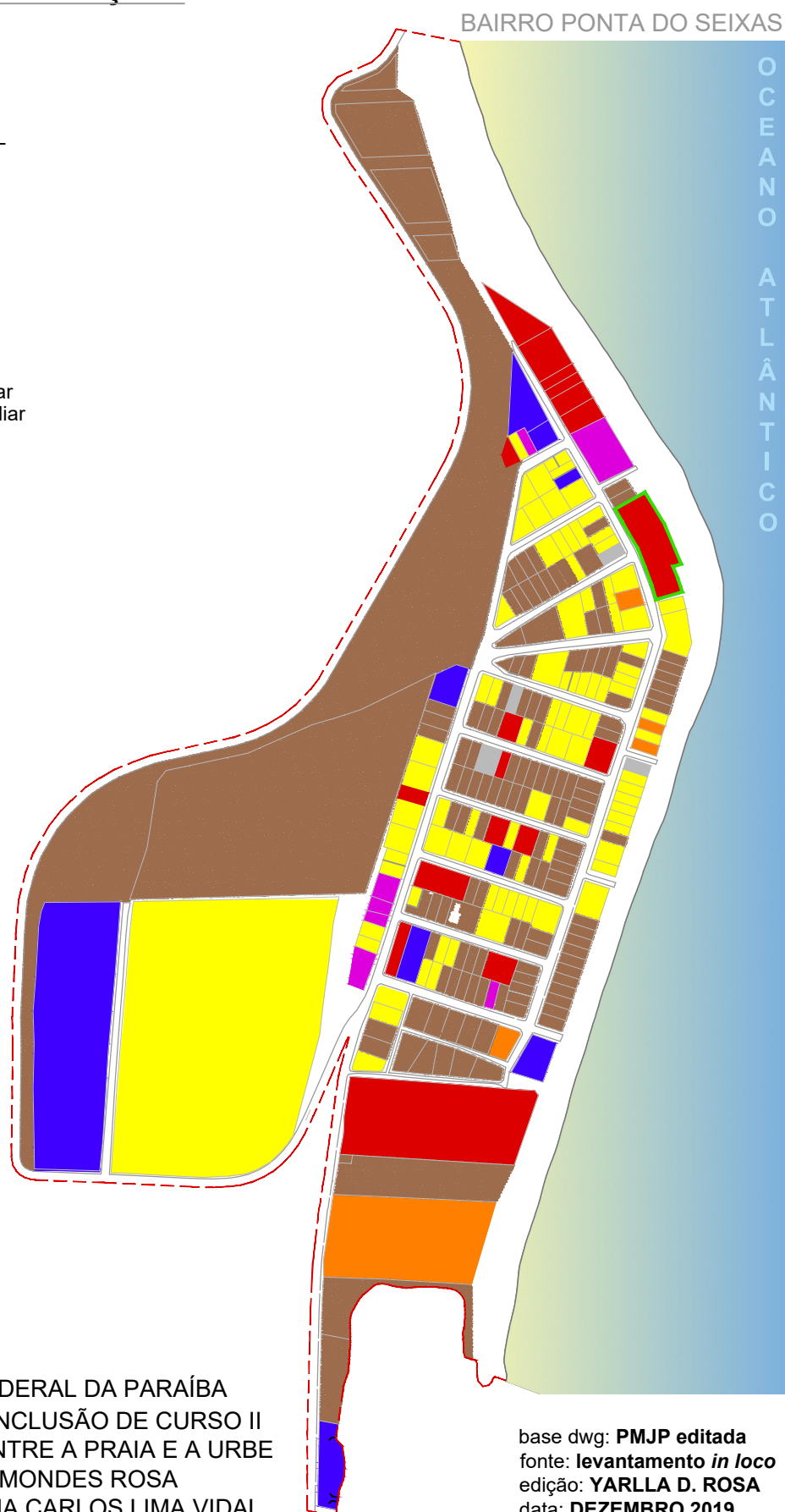
ESCALA GRÁFICA:



LEGENDA:

Repres. Descrição

	Vazio
	Praça
	Lote em Construção
	Lote Residencial Unifamiliar
	Lote Residencial Multifamiliar
	Comércio ou Serviço
	Institucional
	Misto
	Oceano Atlântico
	Limites do bairro



PRANCHA DE
MORFOLOGIA
URBANA:

04/07

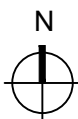
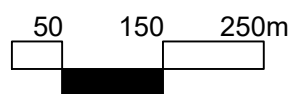
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE
aluna: YARLLA DELMONDES ROSA
orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

base dwg: **PMJP** editada
fonte: **levantamento in loco**
edição: **YARLLA D. ROSA**
data: **DEZEMBRO 2019**

MAPA DE GABARITO

ESCALA 1: 7.500

ESCALA GRÁFICA:



LEGENDA:

Repres. Descrição

	Gabarito Térreo
	Gabarito 2 Pavimentos
	Gabarito 3 Pavimentos
	Gabarito 4 Pavimentos
	Praça
	Oceano Atlântico
	Limites do bairro



PRANCHA DE
MORFOLOGIA
URBANA:

05/07

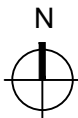
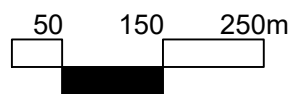
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE
aluna: YARLLA DELMONDES ROSA
orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

base dwg: **PMJP** editada
fonte: **levantamento in loco**
edição: **YARLLA D. ROSA**
data: **DEZEMBRO 2019**

MAPA DE TOPGRAFIA E VEGETAÇÃO EXPRESSIVA

ESCALA 1: 7.500

ESCALA GRÁFICA:



LEGENDA:

Repres. Descrição

- Conjunto Arbóreo
- Curvas de Nível de 1 em 1m
- Curvas de Nível de 5 em 5m
- Praça
- Oceano Atlântico
- Rio Cabelo
- Limites do bairro



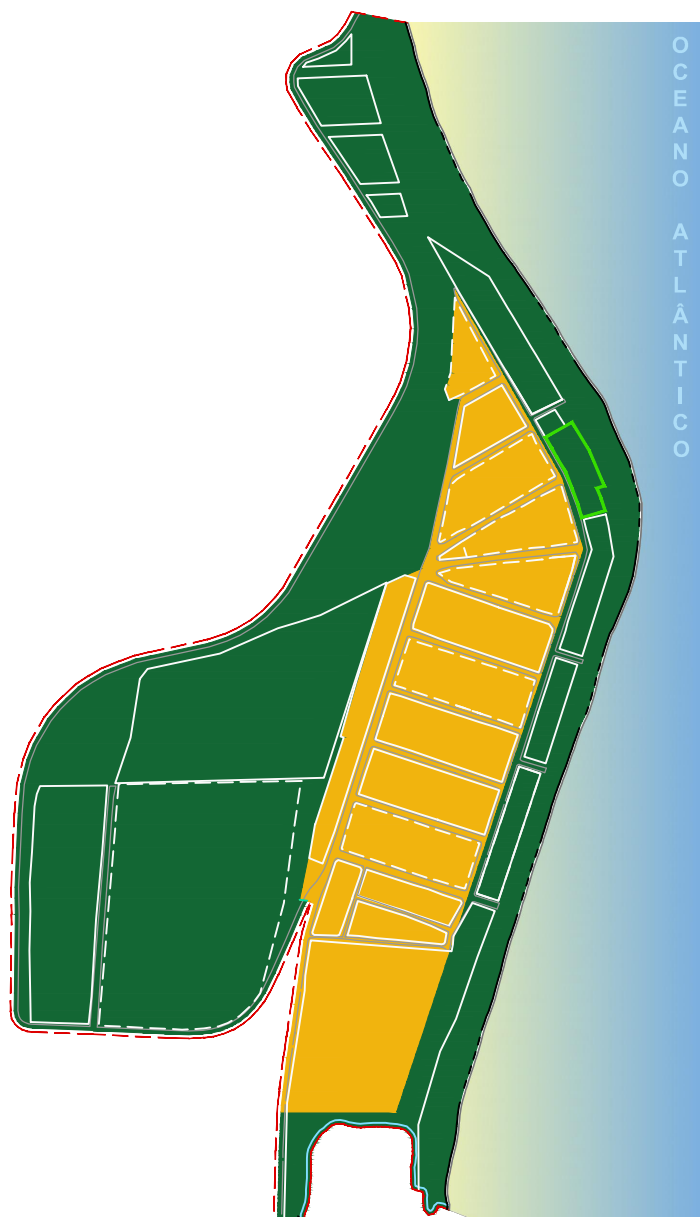
PRANCHA DE
MORFOLOGIA
URBANA:

06/07

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE
aluna: YARLLA DELMONDES ROSA
orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

base dwg: PMJP editada
fonte: dwg + imagem Google
Earth

edição: YARLLA D. ROSA
data: DEZEMBRO 2019

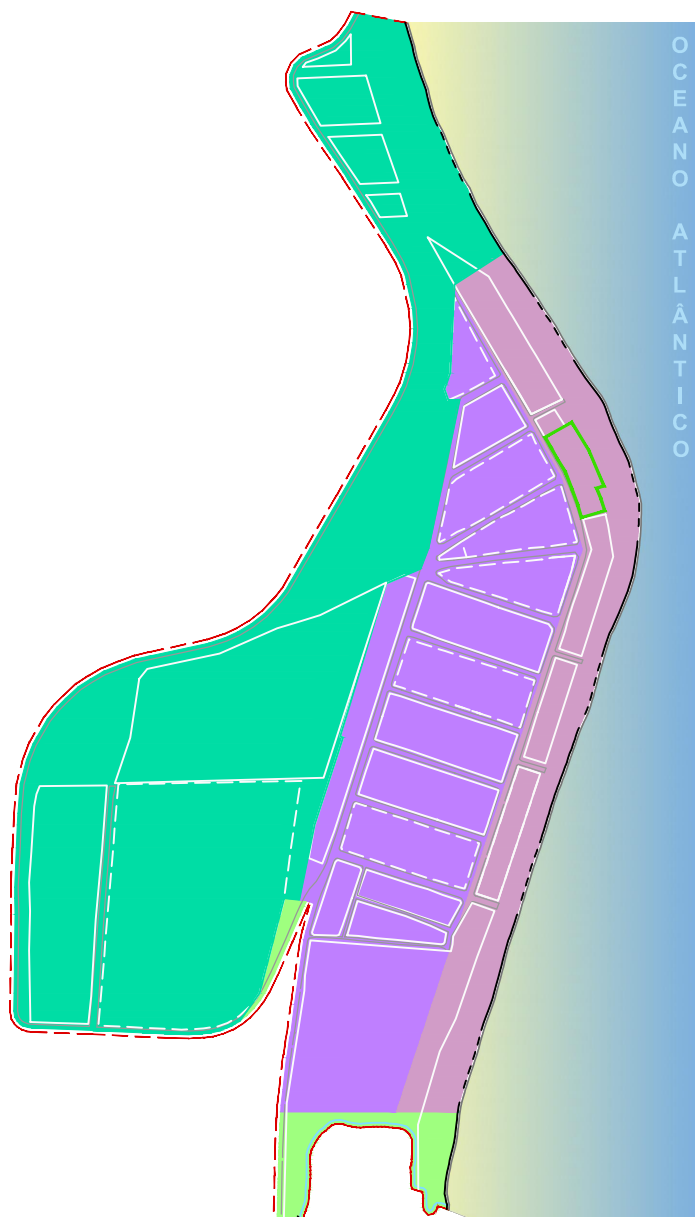
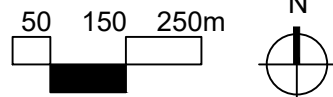


LEGENDA:

Repres. Descrição

- ZPA
- ZNA
- Praça
- Oceano Atlântico
- Limites do bairro

ESCALA GRÁFICA:

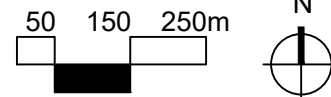


LEGENDA:

Repres. Descrição

- Parque Cabo Branco
- EPS
- DPS
- ZEP2
- Praça
- Oceano Atlântico
- Limites do bairro

ESCALA GRÁFICA:



PRANCHA DE
MORFOLOGIA
URBANA:

07/07

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PRAÇA DO SOL: ENTRE A PRAIA E A URBE
aluna: YARLLA DELMONDES ROSA
orientadora: WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL

base dwg: **PMJP** editada
fonte: **mapas de macrozoneamento
e zoneamento da PMJP**
edição: **YARLLA D. ROSA**
data: **DEZEMBRO 2019**